Reverse Engineering of Web Applications

The MAP-i Doctoral Program of the Universities of Minho, Aveiro and Porto

Esta investigação foi financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através da concessão de uma bolsa de doutoramento (SFRH/BD/71136/2010) no âmbito do Programa Operacional Potencial Humano (POPH), comparticipado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do QREN.
Carlos Eduardo Bastos e Marques da Silva

Reverse Engineering of Web Applications

The MAP-i Doctoral Program of the Universities of Minho, Aveiro and Porto

supervisor:
Professor Doutor José Creissac Campos

January 2015
Statement of Integrity

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration. I further declare that I have fully acknowledged the Code of Ethical Conduct of the University of Minho.

Universidade do Minho, 2015

Full name: Carlos Eduardo Bastos e Marques da Silva

Assinatura: ________________________________
Acknowledgments

I would like to express the deepest gratitude to my advisor Professor José Creissac Campos for the continuous support and encouragement throughout this work. Without his guidance and dedication this dissertation would not have been possible. Moreover, I would like to thank the other GuiSurfer team members: Professor João Alexandre Saraiva and Professor João Carlos Silva. It was in our meetings during my Master’s that I gained interest in pursuing a PhD.

Additionally, I am grateful to my family. Specially my mother Engrácia, my father Carlos and my brother Luís for all the love and support given, and for always having confidence in me.

I would also like to thank all my friends, including all my colleagues from the lab for the inciting and pleasant environment created. A special thanks to Henrique Castro for his friendship and invaluable help throughout this PhD. Furthermore, I would like to thank José Luís Silva, Carlos Silva and Rui Couto for their company and motivation in the conferences and summer school I attended.

Also a word of gratefulness to the developers of Crawljax and Artemis, not only for their help in using their tools, but also for releasing fixes for their tools to improve their analysis of our case studies.

Finally, a special thanks to the financial support from Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) under Research Grant (BD) SFRH/BD/71136/2010.
Abstract

Even so many years after its genesis, the Internet is still growing. Not only are the users increasing, so are the number of different programming languages or frameworks for building Web applications. However, this plethora of technologies makes Web applications’ source code hard to comprehend and understand, thus deteriorating both their debugging and their maintenance costs.

In this context, a number of proposals have been put forward to solve this problem. While, on one hand, there are techniques that analyze the entire source code of Web applications, the diversity of available implementation technology makes these techniques return unsatisfactory results. On the other hand, there are also techniques that dynamically (but blindly) explore the applications by running them and analyzing the results of randomly exploring them. In this case the results are better, but there is always the chance that some part of the application might be left unexplored.

This thesis investigates if an hybrid approach combining static analysis and dynamic exploration of the user interface can provide better results. FREIA, a framework developed in the context of this thesis, is capable of analyzing Web applications automatically, deriving structural and behavioral interface models from them.
Resumo

Mesmo decorridos tantos anos desde a sua génese, a Internet continua a crescer. Este crescimento aplica-se não só ao número de utilizadores como também ao número de diferentes linguagens de programação e frameworks utilizadas para a construção de aplicações Web. No entanto, esta pletora de tecnologias leva a que o código fonte das aplicações Web seja difícil de compreender e analisar, deteriorando tanto o seu depuramento como os seus custos de manutenção.

Neste contexto, foram desenvolvidas algumas propostas com intuito de resolver este problema. Não obstante, por um lado, existirem técnicas que analisam a totalidade do código fonte das aplicações Web, a diversidade das tecnologias de implementação existentes fazem com que estas técnicas gerem resultados insatisfatórios. Por outro lado, existem também técnicas que, dinamicamente (apesar de cegamente), exploram as aplicações, executando-as e analisando os resultados da sua exploração aleatória. Neste caso, os resultados são melhores, mas corremos o risco de ter deixado alguma parte da aplicação por explorar.

Esta tese investiga se uma abordagem híbrida, combinando a análise estatística com a exploração dinâmica da interface do utilizador consegue produzir melhores resultados. FREIA, uma framework desenvolvida no contexto desta tese é capaz de, automaticamente, analisar aplicações Web, derivando modelos estruturais e comportamentais da interface das mesmas.
## Contents

1 Introduction
   1.1 Web applications ........................................... 2
   1.2 Ajax ............................................................. 4
   1.3 JavaScript ....................................................... 6
      1.3.1 ECMAScript ............................................... 6
      1.3.2 Document Object Model (DOM) .......................... 7
   1.4 Reverse Engineering .......................................... 8
   1.5 Research Questions .......................................... 9
   1.6 Thesis Outline ............................................... 10

2 Reverse Engineering of User Interfaces .......................... 13
   2.1 Approaches .................................................... 14
      2.1.1 Static Analysis ......................................... 14
      2.1.2 Dynamic Analysis ..................................... 18
      2.1.3 Hybrid approaches ................................... 21
      2.1.4 Testing tools .......................................... 22
   2.2 An Illustrative Example ..................................... 23
      2.2.1 Model disambiguation problems ....................... 26
      2.2.2 Input space definition problems ..................... 27
   2.3 Summary ....................................................... 27

3 User Interface Models ........................................... 29
   3.1 Modelling User Interfaces ................................ 29
   3.2 Markup Languages Overview ................................ 32
      3.2.1 UsiXML ............................................... 32
      3.2.2 MXML (Adobe Flex) ................................. 33
      3.2.3 XAML (Silverlight) .................................. 33
3.2.4 HTML5 .................................................. 33
3.2.5 Android XML ........................................... 34
3.2.6 OpenLaszlo (LZX) ...................................... 35
3.3 Comparing the languages .................................. 35
3.4 Case Study .................................................. 38
  3.4.1 UsiXML .................................................. 40
  3.4.2 MXML (Flex) .......................................... 42
  3.4.3 XAML (Silverlight) ..................................... 42
  3.4.4 HTML5 .................................................. 43
  3.4.5 Android XML .......................................... 44
  3.4.6 LZX ..................................................... 45
  3.4.7 Applications Comparison ............................ 46
3.5 Summary .................................................... 48

4 FREIA Approach ............................................. 51
  4.1 Overview .................................................. 51
    4.1.1 Identifying elements .................................. 52
    4.1.2 Identifying event handlers ............................. 53
    4.1.3 Identifying control flow variables ..................... 53
    4.1.4 Classifying the variables ............................. 53
    4.1.5 Generating input values ............................... 54
    4.1.6 Triggering the event ................................ 55
    4.1.7 Comparing Web pages ................................ 55
    4.1.8 Crawling process .................................... 55
  4.2 Framework components .................................. 57
    4.2.1 State Machine ....................................... 58
    4.2.2 Web Test Automation ................................ 58
    4.2.3 Crawler .............................................. 59
    4.2.4 Reach State ........................................... 60
    4.2.5 Event trigger ......................................... 62
    4.2.6 State Comparison .................................... 62
    4.2.7 DOM Analyzer ........................................ 63
    4.2.8 Event Detection ....................................... 64
    4.2.9 Event Analyzer ........................................ 64
    4.2.10 Input Generator ...................................... 66
4.3 Summary ......................................................... 67

5 Characterizing the Control Logic of Web Applications’ User Interfaces ................................................. 69
  5.1 Criteria for Analysis ........................................... 69
  5.2 Event handler detection ..................................... 70
  5.3 Framework’s architecture .................................... 73
    5.3.1 Event Detection ........................................ 73
    5.3.2 Event Analyzer ......................................... 74
  5.4 Top Sites analysis ........................................... 75
    5.4.1 Scope of the analysis .................................. 75
    5.4.2 Data Analysis .......................................... 76
  5.5 Summary .................................................... 79

6 FREIA Implementation ........................................ 81
  6.1 Web Test Automation ....................................... 81
  6.2 State Machine .............................................. 82
  6.3 Controller ................................................... 84
    6.3.1 Crawler ............................................... 84
    6.3.2 Reach State ........................................... 85
    6.3.3 Trigger Event ......................................... 87
  6.4 Page Analyzer .............................................. 89
    6.4.1 DOM Analyzer ........................................ 89
    6.4.2 Event Detection ....................................... 91
  6.5 Data Processing ............................................ 93
    6.5.1 State Comparison .................................... 93
    6.5.2 Event Analyzer ....................................... 95
    6.5.3 Input Generator ...................................... 97
  6.6 Interface Model Generation ............................... 98
  6.7 Profiler .................................................... 99
  6.8 Summary ................................................... 102

7 Case Studys ..................................................... 103
  7.1 Contacts Agenda .......................................... 104
    7.1.1 Login ................................................ 105
    7.1.2 Mainform ............................................ 108
7.1.3 Find ................................................................. 109
7.1.4 Edit ................................................................. 114
7.1.5 Error ................................................................. 117
7.1.6 Crawljax and Artemis comparison ......................... 117
7.2 Class Manager ....................................................... 121
  7.2.1 FREIA analysis ................................................. 123
  7.2.2 Problems discovered ......................................... 125
  7.2.3 Crawljax and Artemis comparison ......................... 129
7.3 Neverending Playlist ............................................. 131
  7.3.1 FREIA Analysis ................................................. 131
  7.3.2 Crawljax and Artemis comparison ......................... 135
7.4 Summary ............................................................. 137

8 Conclusions and Future Work ................................. 139
  8.1 Answers to the Research Questions .......................... 139
  8.2 Summary of Contributions .................................... 140
  8.3 Future work ....................................................... 141

Bibliography ............................................................. 143
Acronyms

AJAX  Asynchronous JavaScript and XML
API  Application Programming Interface
AST  Abstract Syntax Tree
AUI  Abstract User Interface
BOM  Browser Object Model
CSS  Cascading Style Sheets
CUI  Concrete User Interface
DOM  Document Object Model
FUI  Final User Interface
HTML  Hypertext Markup Language
HTTP  Hypertext Transfer Protocol
JSON  JavaScript Object Notation
MBUID  Model-based User Interface Development
RE  Reverse Engineering
RIA  Rich Internet Application
SCXML  State Charts extensible Markup Language
SE  Software Engineering
UI  User Interface
UIDL  User Interface Description Language
UML  Unified Modelling Language
UsiXML  User Interface eXtensible Markup Language
WWW  World Wide Web
XML  Extensible Markup Language

XSLT  Extensible Stylesheet Language Transformations
# List of Figures

1.1 Basic Web page HTML source code and its rendering in the browser 2
1.2 Simple Web request ........................................... 3
1.3 Web page with both dynamic server and client side scripting .... 4
1.4 Ajax asynchronous Web application model (adapted from (Garrett, 2005)) .................................................. 5

2.1 Example of a request graph ........................................ 15
2.2 GUISurfer’s execution over a Java/Swing application (adapted from Silva et al. (2009)) ........................................... 16
2.3 Dynamic Analysis .................................................. 19
2.4 Subset of the frames of the Contacts Agenda application ....... 23
2.5 Search function ................................................... 24
2.6 State Diagram based on a model extracted with Crawljax .... 25
2.7 State diagram with buttons information ........................................ 26

3.1 Reengineering process ........................................... 30
3.2 MusicStore Application ......................................... 39
3.3 UsiXML labels source code ....................................... 41
3.4 HTML5 audio tag .................................................. 44
3.5 LZX back button source code ...................................... 47

4.1 An example of both types of variables .............................. 54
4.2 An overview of the crawling process ............................... 56
4.3 Tool Architecture .................................................. 57
4.4 Example of a WebSite state diagram ........................................ 60

5.1 Bubbling and Capturing Example .................................... 72
5.2 Framework’s architecture ........................................... 73
5.3 An example of using Event Delegation .......................... 74
6.1 StateMachine class diagram ........................................ 83
6.2 Crawler activity diagram ............................................ 85
6.3 Reach state activity diagram ........................................ 86
6.4 Instrumented source code ........................................... 87
6.5 Injected HTML code .................................................. 88
6.6 Error code injection .................................................. 89
6.7 Instrumentation cycle ................................................ 89
6.8 jQuery injection in the Web page ................................. 90
6.9 JavaScript code to detect hidden elements ..................... 91
6.10 JavaScript code to retrieve events ............................... 92
6.11 Config class diagram ............................................... 93
6.12 State Machine for the SCXML example ....................... 99
6.13 SCXML example source code ................................... 100
6.14 Screenshot source code ............................................ 101
6.15 Firefox extensions preferences ................................. 101
6.16 Profiler event triggering source code ......................... 102
7.1 Login Frame .......................................................... 105
7.2 State Machine 1 ...................................................... 106
7.3 State Machine 2 ...................................................... 106
7.4 Login frame Ok button source code ............................ 107
7.5 Mainform Frame ..................................................... 108
7.6 Mainform State Machine ........................................... 109
7.7 Find Frame .......................................................... 110
7.8 State Machine of the Find frame ................................ 111
7.9 Search function source code ..................................... 112
7.10 Edit Frame .......................................................... 114
7.11 Edit frame Ok button event handler ............................ 115
7.12 State Machine of the Edit frame ................................ 116
7.13 Error Frame ........................................................ 117
7.14 Contacts Agenda abstract state machine ..................... 118
7.15 Crawljax contacts agenda state machine ..................... 119
7.16 Artemis concolic analysis tree ................................ 121
7.17 Class Manager Application ..................................... 122
## List of Figures

<table>
<thead>
<tr>
<th>Figure</th>
<th>Description</th>
<th>Page</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>7.18</td>
<td>Class Manager State Machine</td>
<td>123</td>
</tr>
<tr>
<td>7.19</td>
<td>Class Manager State Machine</td>
<td>124</td>
</tr>
<tr>
<td>7.20</td>
<td>Class Manager State Machine 2</td>
<td>126</td>
</tr>
<tr>
<td>7.21</td>
<td>Class Manager with both frames enabled</td>
<td>127</td>
</tr>
<tr>
<td>7.22</td>
<td>Select last class source code excerpt</td>
<td>128</td>
</tr>
<tr>
<td>7.23</td>
<td>Crawljax Class Manager state machine</td>
<td>129</td>
</tr>
<tr>
<td>7.24</td>
<td>Artemis Class Manager concolic analysis tree</td>
<td>130</td>
</tr>
<tr>
<td>7.25</td>
<td>Neverending playlist</td>
<td>131</td>
</tr>
<tr>
<td>7.26</td>
<td>playrand function source code excerpt</td>
<td>132</td>
</tr>
<tr>
<td>7.27</td>
<td>Are you human page</td>
<td>133</td>
</tr>
<tr>
<td>7.28</td>
<td>Neverending playlist state machine</td>
<td>134</td>
</tr>
<tr>
<td>7.29</td>
<td>Crawljax Neverending playlist state machine</td>
<td>135</td>
</tr>
<tr>
<td>7.30</td>
<td>Artemis Neverending Playlist concolic analysis tree</td>
<td>136</td>
</tr>
</tbody>
</table>
List of Tables

3.1 Markup Languages Comparison ......................... 37
3.2 Application Comparison .............................. 47
5.1 Events and control-flow constructs .................. 77
5.2 Variables comparison ................................ 78
7.1 Test cases for the Ok button .......................... 107
Chapter 1
Introduction

Software has become so complex that it is increasingly hard to have a complete understanding of how a particular system will behave. Web applications are a particular example of complexity due to the wide variety of technologies that can be used in their development. This makes them notably hard to debug and maintain.

In (Hassan and Holt, 2002), Web applications are portrayed as the "legacy software of the future" and it is claimed that such systems' maintenance is problematic. Since then, many new frameworks and technologies appeared in the Web, increasing even more the difficulties associated with maintaining Web systems.

A solution to deal with complex problems is abstracting them in order to make them more understandable, that is, to remove unnecessary information from the problems. The result of these abstractions are usually models. In Software Engineering (SE) the process of analyzing a system in order to create an abstraction of the system is called Reverse Engineering (RE).

One exceptionally complex layer of applications in general, and of Web applications in particular, is the interface layer. This layer merges engineering concerns with human factors concerns. It is also a crucial element in any interactive application. Reverse engineering has been applied to the interface layer, although with limitations, as will be discussed in Chapter 2.

Therefore, this thesis' goal is in contributing to the improvement of Web applications development and maintenance through the creation of better tools and techniques to the reverse engineering of those applications.
1.1 Web applications

Web applications present an alternative approach of making applications available. The main distinction between a Web application and a native application is mainly that a Web application is remotely accessed over the Internet, whereas a native application sits in the client computer.

The Internet can be generally described as a global network that connects billions of devices. It is a massive network of networks through which any device can connect with another device considering both are connected with the Internet.

The World Wide Web (WWW), or simply the Web, origin can be traced back to 1989 when Tim Berners-Lee wrote an initial proposal. In 1990 the first Web server was set up at CERN serving static HTML Web pages over the Hypertext Transfer Protocol (HTTP) protocol. The first browser, WorldWideWeb (Berners-Lee, 1990), was released in the same year. As more servers were installed all over the World, a spider's web like evolved.

Hypertext Markup Language (HTML) is a markup language, composed by a set of tags that are used to specify how documents are displayed on a screen. An example is depicted in Figure 1.1. Originally the markup tags of HTML mixed format and content. Soon it was realised this was a poor solution. Cascading Style Sheets (CSS) appeared to enable separation of content and formatting.

Web pages composed only by HTML and CSS are called static Web pages, which content once requested from the server remains the same. An example of the web request between a client and a web server is depicted in Figure 1.2.

The static nature of Web pages considerably limited what could be achieved. The possibility of generating Web pages dynamically was soon explored. First by dynamically generating static pages in the web server (e.g. CGI scripts),
then by extending the browsers with plugins that enables dynamic content to be displayed, finally by introducing the possibility of the browser itself be programmed (cf. EcmaScript, of which Javascript is the most popular implementation - see Section 1.3), and adding tags for dynamic contents to HTML itself (cf. HTML5 - see section 3.2.4). At the same time browser side technology was also evolving from the original use of programs and scripts external to the web server to generate the pages, to the integration of those capabilities into the servers themselves, through the integration of HTML with programming languages, either dedicated languages (e.g. PHP, etc.) or directly with common use languages such as Java.

Dynamic Web pages have business logic that enables the pages to change their content. There are two types of dynamic Web pages. Client side dynamic Web pages, where the business logic is done using HTML scripting running in the browser, either using HTML5 or JavaScript, or using Software that requires plugins such as Flash, JavaFX or Microsoft Silverlight. In this case, the content is changed on the client and not on the server.

Server side dynamic Web pages have business logic in the server. That is, when a client sends a request to the server, that request is handled by some script running in the Web server before the server response to the client. Therefore in server side scripting the content is changed on the server and not on the client. Some common server side programming languages are: PHP, ASP, Java (e.g. JSP), JavaScript (e.g. Node.js).

Moreover, it is common to Web pages to use both client side scripting and
server side. Figure 2.3 shows an example of a Web page using both scripting on client side and server side. When a user interacts with the Web page, the browser reacts accordingly, triggering either the client side logic, or sending a request to the server which responds after triggering the server side logic, or triggering both client and server side logic in the same interaction.

Web applications that have many of the features of desktop applications are called Rich Internet Applications (RIAs). This term was first introduced in (Allaire, 2002).

1.2 Ajax

Asynchronous JavaScript and XML (AJAX) is a set of technologies combined for the purpose of creating highly interactive web sites and web applications. The term was first applied by Garrett (2005), in a paper where he grouped all the already existent technologies with the goal of achieving a higher level of interactivity in HyperText Markup Language (HTML), and named that collection of technologies Ajax. The technologies themselves were already available for many years, but their aggregation was only considered by few people previously (Hadlock, 2006).

The technologies in question are:

- XHTML and Cascading Style Sheets (CSS) to define the presentation;
- The Document Object Model (DOM) for dynamic display manipulation;
1.2. Ajax

- Extensible Markup Language (XML), Extensible Stylesheet Language Transformations (XSLT), and JavaScript Object Notation (JSON) for data interchange and manipulation;
- The XMLHttpRequest object to handle asynchronous data calls;
- JavaScript as the language that combines all the technologies;

The idea is to make what is on the Web appear to be local by providing a rich user experience, offering features that usually only appear in desktop applications. By working as an extra layer between the user’s browser and the web server, Ajax handles asynchronous server communications, submitting server requests and processing the returned data. The results may then be integrated seamlessly into the page being viewed, without that page needing to be refreshed or a new one loaded. The end user does not notice these processes and therefore only observes a smooth and uninterrupted application. Ajax asynchronous Web application model is depicted in Figure 1.4.

![Ajax asynchronous Web application model](image)

Figure 1.4: Ajax asynchronous Web application model (adapted from (Garrett, 2005))

One of the main advantages of Ajax over other RIAs is that there is no need to install tools or plug-ins, neither to run nor to develop an Ajax application.
Another aspect of Ajax is that it has been widely accepted by the main industry companies, such as Google, Yahoo, Amazon, and Microsoft among many others.

1.3 JavaScript

JavaScript appeared in the Netscape Navigator Web browser around 1995 as a scripting language that would enable basic validation features. It was first named as LiveScript. With Netscape Navigator 2, a browser that supported the inclusion of Java applets, Netscape altered the name LiveScript to JavaScript. Although the name seems to imply it, JavaScript is not related to Java.

The language gained significant popularity among Web developers and was therefore included in other Web browsers. However, at the time, different implementations arose. For example, Microsoft’s implementation in Internet Explorer was called JScript. In order to aggregate the various implementations, there was a need for a standard, cross-browser, scripting language. The major companies involved gathered, and defined a new scripting language named ECMAScript (ECMA, 2009). Nowadays, all browsers scripting languages come from their implementations of ECMAScript.

Despite JavaScript and ECMAScript often being used as the same concept, a JavaScript application is composed of three parts (Zakas, 2012), namely:

- ECMAScript
- The Document Object Model (DOM)
- The Browser Object Model (BOM)

A thorough description of JavaScript is outside the scope of this dissertation. Instead, the following subsections briefly describe each of these JavaScript components.

1.3.1 ECMAScript

JavaScript is an ECMAScript dialect. ECMAScript (ECMA, 2009) was a compromise primarily between Netscape and Microsoft, to standardize their languages, JavaScript and JScript respectively. ECMAScript is object based, and its syntax resembles the Java language.
ECMAScript defines several aspects of the language, in order for its implementations to be standard, such as: types, values, objects, properties, functions, and program syntax and semantics. Moreover, an implementation must be able to interpret the Unicode Standard. All current browsers have ECMAScript implementations that follows ECMAScript guidelines.

For instance, the following is an example of JavaScript code as a scripting language.

```javascript
1 document.getElementById('p').onclick = function({
2 document.getElementById('h1').style.color='blue';
3 }
```

The above code sets a listener on the paragraph tag, so that whenever a user clicks the paragraph the color of the header is changed to blue. The Web page now changes according to the user interaction.

### 1.3.2 Document Object Model (DOM)

The Document Object Model (DOM) is a platform and language independent convention for representing HTML and XML documents\(^1\). The objects defined in the documents are arranged in a tree structure, referred to as the DOM tree. As the example in Figure 1.1 shows, the content of a HTML page is usually started by an `<html>` tag, followed by the `<head>` and `<body>` tags. The tags are paired (cf. `<html>` and `</html>`), and each tag pair defines an HTML element. Inside these elements, other elements can be placed, therefore enabling the construction of more complex Web pages. Thus, the HTML language makes it possible to easily transform its source code into a hierarchy of nodes.

The DOM specification provides an Application Programming Interface (API) with methods for accessing, modifying, adding or removing elements. Although these methods are commonly used through JavaScript, other languages could also access them. JavaScript considers each of the document’s tree items to be an object. These objects are also referred to as tree nodes. Nodes can be either element nodes (if correspond to an HTML element) or text nodes (correspond

\(^1\)http://www.w3.org/TR/2004/REC-DOM-Level-3-Core-20040407/introduction.html (last accessed: February 1, 2014)
to text in the page). Obviously, an element node can contain another element node or a text node.

As the page content is defined in the DOM, there also exists a Browser Object Model (BOM) for access and manipulation with the Web Browser. However, as of this moment, there are no standard implementations for BOM, making it the only JavaScript part which differs when different browsers are used. The only aspect the different browsers converge on is having defined a window and a navigator object. The other objects, methods and properties are specific to the browser used.

### 1.4 Reverse Engineering

Reverse engineering is the process of analyzing a subject system to understand its structure and behavior (Eilam, 2005). Using that understanding, representations of the system at higher levels of abstraction can be created. Reverse engineering techniques, thus, enable us to acquire knowledge about existing systems.

When considering the reverse engineering of software, two types of techniques can be identified: static analysis and dynamic analysis. Static analysis techniques work from the source code. The main problem with this style of approach is that it becomes dependent on specific languages and programming styles. This is a particularly relevant issue in the case of Web applications, due to the amount of different languages, libraries, and toolkits available to program them. Dynamic analysis techniques analyze the system while running. Because dynamic analysis does not analyze the code of the application, it suffers from two main issues: how to ensure the models are complete, that is, all possible behaviors/states of the system have been explored and how to eliminate the non-determinism from the models. Hybrid approaches to reverse engineering combine static and dynamic analysis to take the best of both approaches.

The topic of reverse engineering of user interface will be further explored in Chapter 2.
1.5 Research Questions

As has been discussed above the complexity of Web app, and their UIs in particular, raises software engineering problems, not only in terms of development, but also maintenance and evolution Hassan and Holt (2002). Reverse engineering can be seen as a tool to help in the solution of these problems, but current approaches have limitations. Considering the above, this thesis is guided by an overarching goal to investigate whether:

*A hybrid approach to the reverse engineering of Web applications enable us to obtain better models than existing approaches.*

Applying reverse engineering to user interfaces we need to consider which techniques are best suited for the analysis. In this case we are aiming for a hybrid technique combining both static and dynamic analysis, but how to combine the two is something that must be considered and decided. One aspect of this, is that we will want to perform as little static analysis as possible so as to minimize the problems faced by static analysis techniques. One possibility is to restrict analysis to the event listeners associated with controls in the user interface. This begs the question of whether these event listeners are rich enough in terms of the information that can be extracted from them. Finally, and in fact this is something to consider from the start, we must decide how to represent the information we extract though the reverse engineering technique developed.

Therefore, with this goal in mind the research questions are formulated as follows:

**Question 1** What types of models are better suited for abstracting the Graphical User Interface of Web applications?

**Question 2** How to balance the usage of both dynamic and static analysis in the same approach.

**Question 3** How much of the control logic of the User Interface (UI) can be obtained from the analysis of event listeners in Web applications.
1.6 Thesis Outline

This thesis is structured as follows:

**Chapter 2** - *Reverse Engineering of User Interfaces*: describes the reverse engineering state of the art. Both static and dynamic approaches are presented, with examples of tools from both approaches as well as their advantages and disadvantages. Their disadvantages are further explained through a small example.

**Chapter 3** - *User Interface Models*: contains a description of User Interface modelling languages. Specifically focusing in markup languages and on how well are they able to express the behavior of UIs. Moreover, a comparison of six different markup languages is made based on developing the same example application in all the languages. This chapter is directly related to research question 1.

**Chapter 4** - *FREIA Approach*: is a description of a new process for a hybrid reverse engineering framework. Furthermore, we describe the architecture details of the framework, based on our framework FREIA. This chapter research is associated with research question 2.

**Chapter 5** - *Characterizing the Control Logic of Web Application’s User Interfaces*: presents a study of an analysis of the top thousand most used Websites. This study was performed in order to gain insight on research question 3, to have validation on the results of developing such a framework. To that end, we developed a tool that extracted information about the source code used in Websites and then presented the results of that analysis.

**Chapter 6** - *FREIA Implementation*: details the implementation of FREIA. Each component implementation is described in detail as well as the framework most important features.

**Chapter 7** - *Case Studys*: includes our tool analysis on three distinct applications, a contacts agenda, a class manager and a never ending playlist. The process of how FREIA performs its analysis is detailed and a comparison is made with two other tools, namely, Crawljax and Artemis.
Chapter 8 - Conclusions and Future Work: consists of the conclusions of this thesis. Our investigation on the research questions is explained. Moreover, we present FREIA's limitations and future work on how to improve them.
Chapter 2

Reverse Engineering of User Interfaces

Software system’s tendency for degradation, which can be thought of as software entropy (Jacobson et al., 1992), that is, the propensity for software to become onerous and expensive to manage as a system is modified, leads to a need for appropriate techniques and tools to improve and maintain the system. One possible solution is the usage of reverse engineering techniques to address these problems, thus making it an important subject to the software industry in the last years.

Reverse engineering is a term defined by Chikofsky and Cross (1990) as the process of analyzing a system in order to discover its components and their interrelationships, as well as to create a representation of the system in another form or at a higher level of abstraction. In other words, a system’s model is required to obtain the system’s relevant information. The abstraction can be performed with or without tool support. Obviously, as the system size increases, so does the usefulness of using reverse engineering tools. Therefore, reverse engineering becomes an essential process to develop, improve or maintain complex software systems. Canfora and Penta (2007) present an overview of this field.

A common fallacy is that reverse engineering implies a transformation in the system or the creation of a new system. It should be seen as a process of examination, analysis, not a process of change, transformation or replication. Consequently, reverse engineering’s general objective is to obtain missing
knowledge when it is not available (Eilam, 2005).

2.1 Approaches

There are two main approaches to the realization of a reverse engineering process: static and dynamic analysis. Static analysis implies the analysis of the software system without the actual execution of the software. Dynamic analysis takes a black box approach thus performing the analysis of the system while running, that is, while the software system is being executed.

2.1.1 Static Analysis

Static analysis can be divided in two types: source code analysis and binaries analysis. Source code analysis is simpler to carry out, since it is easier to interpret source code than binary code. However, the problems are that source code is not always available, and that the final result is obviously dependent on the quality of the source code parser.

A number of static source code analysis reverse engineering tools, aimed at user interfaces, can be found in the literature. For instance, ReversiXML, a tool described in (Bouillon et al., 2005) applies derivation rules to reverse engineer an HTML web page into UsiXML, a modelling language for user interfaces (Limbourg et al., 2004). Derivation rules derive UsiXML models with different levels of abstraction from existing implementations. Although we are focusing on Web applications, the derivation rules core for programming languages in other platforms is also maintained. An example of a derivation rule for a "Submit" HTML button into a CUI specification (adapted from (Bouillon et al., 2005)) is as follows:

\[
\forall x \in T_x : x = \text{input} \land (x.\text{type} = \text{"button"} \lor x.\text{type} = \text{"submit"} \lor x.\text{type} = \text{"image"} \lor x.\text{type} = \text{"reset"}) \rightarrow \text{Add\_node}(\text{"button"}, \text{id\_button})
\]

where \( id\_button = \sum \text{node} \in T_x \land \text{Add\_Attribute}(id\_button, \text{"id"}, id\_button) \land \text{Add\_Attribute}(id\_button, \text{"name"}, id\_button) \land \text{Add\_Attribute}(id\_button, \text{"isVisible"}, \text{"true"}) \)

\(^1\)http://www.usixml.org/ (last accessed: February 1, 2014)
2.1. Approaches

This derivation rule states that all input tags that have either the type attribute "button", "submit", "image" or "reset" are derived into button nodes whose id attribute is maintained and that have an isVisible attribute set to true.

While ReversiXML works for static HTML pages, Guha et al. (2009) describe a tool that performs a static control-flow analysis for browser-based and event driven JavaScript applications. In the approach, an expected client behavior model is extracted. Afterwards the model is used to build an intrusion prevention proxy in the server side, that disables requests that do not meet the expected behavior. Their analysis builds a model which is a flow graph of the URLs the client-side program can invoke on the server, called the request graph. An example of a request graph of a subset of one of our case studies (further discussed in Section 7.1) is depicted in Figure 2.1.

![Request graph](image)

Figure 2.1: Example of a request graph

The request graph shows that the application starts by sending a request with the authentication data to the server, which then replies with a session ID. Afterwards the application enters a loop (indicated by the repeatable node) retrieving the contacts of the authenticated user. Then there are two choices: the client can send a request to find contacts or a request to edit an existing contact.

It is also worth mentioning that the same approach was successfully tested on the JavaScript code generated from a GWT application.

The **GUISurfer** tool (Campos et al., 2012), performs static analysis to produce behavior models of the GUI from a target source code. There are versions
of the tool aimed at the Java programming language (Gosling et al., 2005), specifically Java/Swing and at the Haskell programming language (Peyton, 2003), particularly at WxHaskell. GUISurfer’s approach is focused on the applications’ behavior, that is, it performs a system analysis based on the events which take place, after a starting point in the application. Furthermore, for each event discovered it analyses the associated conditions, the actions that are executed, and which are the future application states.

Figure 2.2 depicts the result of executing GUISurfer over a simple Swing application. The application is an example of a login window. It is composed of two input boxes, enabling the user to input his/her name and password, and two buttons. An OK button to confirm the operation and proceed with the validation, and a Cancel button that closes the application.

GUISurfer’s execution over the login application produces a state machine, as represented on the right side of the figure. Each state from the state machine represents a GUI window in a particular state. Arrows denote event triggered transitions between states. Each event has an associated condition and a sequence of actions. Therefore, a transition is only performed when the related condition is verified, and the associated actions are then executed. The actions are represented by the list of numbers associated with each event.

The type of diagram in Figure 2.2 enables analysis of the dialogue sup-
ported by each application window. For example, by analyzing the transitions between states, it can be concluded that the event Ok can trigger two different transitions, depending on conditions cond2 and cond3. After pressing Ok, the application may be in the same state or it can close the login window. By analyzing the conditions we can determine whether the interface is predictable or not, and under which conditions. For example, if cond2 and cond3 are not mutually exclusive, then pressing Ok will have an unpredictable effect on the interface. This approach enables the acquisition of information regarding the application’s usability and also the quality of the implementation.

Performing static analysis from the binaries has the advantage of easier access to the legacy application. One recurring problem is that it can have legal issues, as tools that perform reverse engineering of binaries may be used on illegal acts such as discovering and recreating information about proprietary software. In order to prevent these situations, some programmers/compilers obfuscate their code, that is, deliberately write code which is difficult to understand. Therefore adding a greater adversity to the reverse engineering process.

Reverse engineering of binaries is accomplished with hex editors, decompilers or disassemblers. Hex editors, such as WinHex, read the programs from Random-access memory (RAM), and afterwards display the results in hexadecimal code. Decompilers, do the reverse of a compiler, they attempt to transform binary programs into readable source code. However, if there are parts they cannot decompile they transform them into assembly code. There are numerous decompilers available for several languages, for example the DJ Java decompiler, for Java and, the REC (Reverse Engineer Compiler) decompiler that translates binaries into C pseudo-code. Disassemblers convert binary code into assembly code. Thus, in comparison with a decompiler, they differ as a decompiler translates binary to a high level language. An example of a debugger is OllyDbg a 32-bit assembler level analyzing debugger.

The main problem with the static analysis approach is that it becomes dependent on specific languages and programming styles. This is a particularly relevant issue in the case of Web applications, due not only to the amount of

\[\text{http://www.winhex.com/winhex/ (last accessed: February 1, 2014)}\]
\[\text{http://www.neshkov.com/ (last accessed: February 1, 2014)}\]
\[\text{http://www.backerstreet.com/rec/rec.htm (last accessed: February 1, 2014)}\]
\[\text{http://www.ollydbg.de (last accessed: February 1, 2014)}\]
different languages, libraries, and toolkits available to program them but also to the constant evolution of the technology. The GUIsurfer tool, described previously, attempts to solve this by trying to be more generic, dividing the tool architecture into a language dependent and a language independent phase. Experience, however, shows that the cost of maintaining the tool up to date with all the different technologies is high. Additionally, applying the approach to the Web domain has proved difficult due to the highly dynamic nature of Web applications, were code is, in many cases, generated at runtime (Silva, 2010). Indeed, Mesbah et al. (2008) argues that that reverse engineering Ajax based on static analysis is simply not feasible.

### 2.1.2 Dynamic Analysis

Dynamic analysis aims to obtain information of a system from its runtime behavior. Several techniques can be used for dynamic analysis. Code instrumentation consists in changing the system’s code to monitor information. Similar to Static analysis we can have dynamic analysis performing instrumentation on source code or on binaries (Nethercote, 2004). Debuggers run target programs and enable the user to trace the program’s execution. Profilers measure information from target programs, for instance: space information, that is, the amount of memory the program is using or time information which includes measuring how many times a function was called and how much time was spent during the function execution.

Dynamic analysis techniques have been used for several different purposes, from dynamic visualization of software systems’ behavior to testing or model extraction. Dynamic visualization is defined in three phases: gathering of information about the system’s behavior; analysis of the information collected; presentation of the outcome (Pacione et al., 2003). The information gathering is performed by collecting event traces of the program’s execution. The event traces are acquired by instrumenting source code, object code, the environment, or executing the system under debugger or profiling tool monitoring.

To analyze the information there are three main techniques: selective instrumentation, that measures specific methods important to the analysis; pattern recognition, that aims to find behavior patterns; and abstraction techniques, that try to aggregate the gathered data (Pacione et al., 2003).
In order to present the results there are three main diagramming techniques (Pacione et al., 2003): basic graphs representations which may be susceptible to scalability issues; Unified Modelling Language (UML) (Booch et al., 1999) diagrams such as class diagrams or sequence diagrams; message sequence charts (MSC) a popular visual formalism (Henriksen et al., 2000). The various concepts related to dynamic analysis are illustrated in the diagram of Figure 2.3.

Dynamic analysis has numerous applications to user interfaces. For instance, Systa (1999) analyses the run-time behavior of Java software by running the software in order to generate state diagrams. Chen and Subramaniam (2001) use reverse engineering to accomplish a specification-based testing of user interfaces. Users can graphically control test specifications that appear as Finite State Machines (FSM) which abstract the run-time system. Memon et al. (2003) describe an application called GUI Ripping which is based in a dynamic process that transverses a GUI by opening all its windows and extracting all the widgets (GUI objects) and their information.

Mesbah et al. (2008) use dynamic analysis to infer the user interface states from an AJAX application. The tool is called Crawljax\(^6\) and considers an interface state to be each unique DOM tree. The tool automatically clicks page elements and fills in forms data in order to navigate through the different application states. After the state flow graph is produced, some automated web tests can be performed. An interesting aspect of Crawljax is its plugin based

\(^6\)http://crawljax.com/ (last accessed: February 1, 2014)
architecture, allowing anyone to create plugins. Some existing plugins are the benchmark plugin, to measure the crawl performance both in terms of time and memory, and the Crawl Overview plugin, which generates a graphical view of the states discovered by Crawljax. Crawljax uses Selenium\footnote{http://docs.seleniumhq.org/projects/webdriver/ (last accessed: February 1, 2014)}, a tool for automating testing Web applications, to interact with the target applications.

Grilo et al. (2010) propose a tool that tries to automate model-based GUI testing. The tool executes the application and extracts structural and behavior information from the user interface. It is also capable of building a \textit{Spec#} model \cite{Barnett2004}. The proposed process is automatic but requires a user for manual exploration of the application.

Still on the topic of testing, ReGUI \cite{Morgado2012} is a fully automatic tool that dynamically analyzes applications and produces different types of models such as navigational and dependency graphs. Furthermore, it generates a textual \textit{Spec#} model which is used for automatic test case generation.

WEBMATE \cite{Dallmeier2012} is a tool to explore and navigate through Web 2.0 applications automatically. It is similar to Crawljax and also uses Selenium to interact with the browser and generates a similar state machine. The main difference is the feature of being able to change the abstraction of states comparison and to detect some dynamically attached event handlers by supporting handlers in jQuery and Prototype JavaScript libraries. It is also used to perform cross-browser compatibility in testing the applications.

FireDetective \cite{Zaidman2013} is a Firefox add-on that uses dynamic analysis at both the client and server side. The tool records execution traces of the JavaScript code that is executed in the client side and of the code executed in the server. It builds a call tree representation of each trace with all the functions and methods called.

The DynaRIA tool \cite{Amalfitano2014} provides both extraction, analysis and visualization features for the dynamic analysis of RIAs implemented in Ajax. The tool has an integrated environment for tracing application executions and analyze them from several perspectives. The tracing is done manually, with a user testing the application in an integrated Web browser while the tool records the information.

Because dynamic analysis does not analyze the code of the application, it
suffers from two main issues. On the one hand, the issue of how to ensure that the model is complete (that all the interface has been explored), and, on the other hand, the issue of how to eliminate non-determinism from the model. This last issue, in particular, is due to the fact that, while the behavior of the user interface can be observed, the reasons for that behavior are hidden in the code. Hence, the generated models will contain the different observed behaviors, but typically will not fully characterize under which conditions each particular behavior will be observed.

Morgado et al. (2012b) use machine learning techniques in order to remove ambiguity in the transitions of the generated model. However, they require a detailed specification of the domain of analysis. For example, if a text editor’s search functionality is being tested, it becomes necessary to specify how text search works. This step can become quite laborious and time consuming.

2.1.3 Hybrid approaches

There are approaches to reverse engineering that try to gather the positive aspects from both static and dynamic analysis, thus using both approaches simultaneously. They perform a dynamic exploration of the user interface, but also look at the source code when needed.

For instance, Li and Wohlstadter (2008) describe an hybrid approach that enables view-based maintenance of GUIs. This tool was tested on Java/Swing applications and its main concern is interface maintenance.

Furthermore, Gimblett and Thimbleby (2010) discover a model of an interactive system by simulating user actions. Models created are directed graphs where nodes represent system states and edges correspond to user actions. The tool was developed using the Haskell programming language and the approach is dynamic but it also considers access to the source code of the application is available.

More focused on Web applications, Artemis (Artzi et al., 2011) is a tool for feedback-directed automated test generation for JavaScript Web applications. The JavaScript code executed is monitored and that information is analyzed and used in directing the test generator. Artemis generates reports about source code coverage and execution traces. Another interesting feature is that it enables generation of Selenium tests of the different traces tested.
Maras et al. (2013) propose a method for the automatic generation of feature usage scenarios (that is, usage scenarios targeted at particular features of the user interface) which is based on dynamic analysis but also comprehends a static analysis of the JavaScript to help with the generation of feasible event input parameters. The method focuses on the client-side web applications, since it was based on previous work that extracted client-side code (Maras et al., 2012).

### 2.1.4 Testing tools

Also directly related to our work are tools whose focus is on testing but use nevertheless similar techniques, for instance in the application analysis or in the instrumentation of code, or in organizing the gathered data.

For example, DART (Directed Automated Random Testing) is a tool for automate unit testing of software (Godefroid et al., 2005). It was made targeting the C programming language (Kernighan and Ritchie, 1988) and uses three main techniques:

- **Interface Extraction.** It statically analyzes the target application and identifies its external interfaces through which the program can obtain inputs.

- **Random Test Driver Generation.** It performs random testing to simulate the most general environment visible to the program at its interfaces.

- **Dynamic Analysis.** It analyzes the behavior of the program under random testing and uses dynamic instrumentation to perform a directed search to cover alternative program paths.

These ideas were further developed by Sen et al. (2005), where the concept is extended to data structures and a method for representing and solving approximate pointer constraints to generate test inputs is presented. The paper also introduced the term *Concolic Testing*, which derives from the words concrete and symbolic since these approaches combine random testing (concrete execution) (Bird and Munoz, 1983) and symbolic analysis (symbolic execution) (King, 1976). These concepts were implemented in CUTE, a Concolic Unit Testing Engine for C, and jCUTE for Java programs (Sen and Agha, 2006). The problem of random testing is that all values must be tested in order to find...
the different paths. Moreover, symbolic analysis cannot cope with functions we
do not have access to the source code of the target applications.

Kudzu (Saxena et al., 2010) is a symbolic-execution based framework for
client-side JavaScript code analysis. It automatically generates high-coverage
test cases to explore the execution space of Web applications. Kudzu is com-
posed by: a GUI explorer to explore the event space; a dynamic symbolic inter-
preter to perform symbolic execution of JavaScript; a path constraint extractor
to build the queries, a constraint solver (Kaludza) based on a new constraint
language that is able to work on the most common JavaScript string operations;
the input feedback that puts the generated results in the Web page.

2.2 An Illustrative Example

In order to illustrate both the limitations of static and dynamic approaches in
the reverse engineering of Web applications a small illustrative example will be
used. This is a contacts agenda application enabling users to maintain a list of
contacts.

Figure 2.4: Subset of the frames of the Contacts Agenda application

Figure 2.4 shows a subset of the frames of the application. We are specifi-
cally focusing on the "Find" functionality of the application which allows a user
to search for contacts in his/her contact list. As illustrated in the figure, clicking
the "Search" button can lead to three different frames. Two of them are warn-
ings, stating no text was entered or no contact was found. The third one is the
main window with the found contacts selected. The results will depend on the
list of contacts of the user, the text entered in the textbox and the state of the
two checkboxes for "Match Case" and "Whole Words". The other two buttons,
"Cancel" and "Show", are currently not being considered, for simplification.
The "Search" button has an event handler which triggers the search function, the source code for this event handler is presented in JavaScript in Figure 2.5.

```javascript
function search()
{
    fInput=document.getElementById("fInput").value;
    if (fInput!=""){
        var mC = document.getElementById("mC").checked;
        var wW = document.getElementById("wW").checked;
        var res = -1;
        res = findContacts(fInput, mC, wW);
        if(res > -1){
            contactsListUpdate(res);
            findExit();
        }
    } else {
        customAlert("No contact found!");
    }
}

function findContacts(fInput, mC, wW){
    // implementation of findContacts
}
```

Figure 2.5: Search function

The function starts by analyzing if there is any text in the inputBox (lines 2 and 3), and in case there is not, it creates an alert with the text "No text entered". If there is text, the findContacts function is invoked with three parameters: the text input by the user, and the states of the matchCase (mC) and wholeWords (wW) checkboxes (note that the findContacts function can be defined in the client or the server). Afterwards, the function checks if there was any result returned from that function. In case there was a result, it updates the contacts list, and closes the frame (lines 9 and 10). The user is thus returned to the mainForm frame (depicted in the top left of Figure 2.4). Otherwise, an alert is raised with the text "No contact Found".

The contacts application is an Ajax application, thus using both HTML, CSS and JavaScript to code the client side and, in this particular case, PHP to code the server side. Therefore, a purely static analysis would have to take into consideration these four languages in order to get some sound results. Not
2.2. An Illustrative Example

only is that a problem, but we also need to take into consideration the highly
dynamic possibilities of JavaScript, as already discussed.

Analyzing the application in a purely dynamic analysis, solves the problems
above. On the one hand, we do not have to deal with all the different tech-
nologies that might be used to develop web applications. On the other hand,
we are able to observe the effect of the event handlers at runtime regardless of
how they are registered. Using this type of approach we are able to identify the
different states of the interface, but the question remains of how to infer which
conditions govern the different behaviors of the application.

As an example, we built a state machine of our application using Crawl-
jax. Figure 2.6 presents a manually enhanced version of the resulting finite
state machine. For readability purposes states have been decorated with the
names of the corresponding frames, and state transitions with the names of
the controls (in this case, buttons) responsible for causing them. While this
information is not present on the original diagram generated by the tool, that
diagram can be interactively explored and such information obtained.

Only a subset of the state machine is important for this analysis: the find
frame (S2), the mainform frame (S1) and the "No contact found" alert (S3).
Other frames (and corresponding states) of the application are not further dis-

![State Diagram](image-url)
cussed for simplification purposes. The model suffers from a number of shortcomings that we will discuss below.

### 2.2.1 Model disambiguation problems

When interacting with the application, and as can be seen in Figure 2.4, clicking on the Search button can lead us to a number of different frames. Through dynamic analysis we were able to (at least partially) identify this situation. As depicted in Figure 2.6, we were able to determine that we can go from S2 (the Find frame) to either S1 (the Main frame) or S3 (an Alert Frame).

![State diagram with buttons information](image)

Figure 2.7: State diagram with buttons information

Figure 2.7 depicts a subset of the overall state machine with only the states relevant to our analysis present, and the choice points more clearly identified. The problem is that, while the state diagram shows that when we click the Search button two possible next states can be reached (S1 and S3), it says nothing about what conditions determine the behavior of the interface. In practice the model that is generated is ambiguous and needs further work.

It should be noted that while we could think of analyzing the inputs used in each case to infer the missing conditions, we could still have the same inputs going to different states, depending on what the state of the system (i.e. the current contacts list). A possible solution can be explored of using machine learning as seen in (Morgado et al., 2012b). However such methods involve previous background knowledge including the encoding of the patterns for the disambiguation.
2.2.2 Input space definition problems

Another aspect that becomes clear in Figure 2.7 is that one frame is missing from the model. In this case the "no text entered" alert was not found through dynamic analysis. This happened due to the test cases used during the dynamic exploration. A more thorough analysis, with more execution traces, would be needed to have found it.

Indeed, a common difficulty in dynamic analysis is choosing the inputs that should be used to explore the application. Normally, fully automatic dynamic approaches use random input generators or machine learning to define the inputs. Semi-automatic approaches usually rely on the tool’s user to ascertain possible input values that are interesting for their intended analysis. In any case, unless knowledge about the application can be obtained and used, it is not possible to be sure that all relevant path in the behavior of the system have been covered.

2.3 Summary

There are two main approaches for reverse engineering: static analysis and dynamic analysis. Static analysis involves analyzing the system code, and since the code is where all the system's actions are specified it can produce different results in comparison with dynamic analysis. However, static analysis cannot discern what elements are really used and those who are not, it also cannot analyze the system’s performance. Consequently, if our interest is in these system's aspects, a dynamic analysis must be used (Ritsch and Sneed, 1993). Moreover, static analysis tools are usually built targeting a specific platform and have problems with dynamic code.

Dynamic analysis takes a black box view of the system under test, by analyzing the system at runtime. Nevertheless, it also poses some limitations. Most notably, apart from very simple user interfaces, it is not possible to be sure that all possible behaviors/states of the system have been explored. Additionally, when in presence of alternative system behaviors, it is not easy to determine what are the conditions that triggers each alternative behavior.

There are also hybrid approaches that gather positive aspects from both. These approaches run the application but also analyze the source code, either
before, during or after the execution to complement the analysis.

Most of the techniques used in these reverse engineering approaches are similar to techniques used by testing tools. For instance, both might use source code instrumentation, or use models to organize the gathered information.

However, there is not an hybrid approach that uses dynamic analysis to explore a Web application and static analysis on only a subset of the code in order to guide the exploration of the dynamic analysis but to also avoid the common pitfalls of full static analysis of Web applications.
Chapter 3

User Interface Models

As discussed in the previous chapter, reverse engineering is the process of creating abstractions from existing implementations. Therefore, most of the discussed tools produce models at some point of their workflow. This Chapter presents an analysis of the User Interface modelling languages based on markup languages, and their expressiveness regarding the behavior of UIs. The analysis in this Chapter was originally published in (Silva and Campos, 2012).

3.1 Modelling User Interfaces

In terms of UIs, the majority of models are equivalent to the models used in Model-based User Interface Development (MBUID). If we consider MBUID the development of UIs based on models and RE as the extraction of models from existing UIs, the models can be the same. Figure 3.1 depicts the whole process of using a reverse engineering step to create a model and then a MBUID technique to recreate the application. This is called reengineering (Chikofsky and Cross, 1990).

Modelling languages in MBUID are known as User Interface Description Languages (UIDLs) (Guerrero-Garcia et al., 2009; Shaer et al., 2009). A typical UIDL will support describing an interface at several levels of abstraction, and performing transformations between those levels. The Cameleon Reference Framework for model-based development of multi-target user interfaces (Calvary et al., 2003) identifies four such levels:

- Concepts and Task model — describes the tasks to be performed and the
entities users manipulate in their fulfillment;

- Abstract User Interface (AUI) — describes the UI independently of any concrete interaction modality and computing platform;

- Concrete User Interface (CUI) — describes an instantiation of the AUI for a concrete set of interaction modalities;

- Final User Interface (FUI) — corresponds to the UI that is running on a computing platform either by being executed or interpreted.

In (Shaer and Jacob, 2009) a number of proposals is described, with foci as diverse as user interfaces for safety critical systems (Navarre et al., 2009), tangible interaction (Shaer et al., 2009), or 3D user interfaces (Wingrave et al., 2009). Notations used are a mix of textual markup languages and graphical notations. Markup languages, in particular, have gained considerable popularity (Guerrero-Garcia et al., 2009). Relevant languages in this category include: UIML, which supports both device independent and modality independent UI descriptions (Helms et al., 2009); XIML, currently in development by Redwhale Software (Puerta and Eisenstein, 2002); MariaXML, the successor of TeresaXML, supports Rich Internet Applications (RIAs), multi-target user interfaces, and applications based on the use of Web services (Paternò et al., 2009); and UsiXML, a UIDL that aims to cover all aspects of a user interface, for instance, portability, device independence, multi-platform support, among others (Limbourg and Vanderdonckt, 2004). Moreover, UsiXML is structured according to the Cameleon reference framework.

Other authors have explored the adaptation of UML to the modelling of user interfaces. For example, Nunes and Cunha (2001) describe a UML pro-
file for describing presentation models in the context of Wisdom, a software
present how Wisdom models can be converted into UIDLs. Another example
is UMLi (Unified Modelling Language for Interactive Applications) by Da Silva
and Paton (2003) which extends UML with a new diagram (the User Interface
Diagram) introducing new constructors in the metamodel and using the UML
extension mechanisms.

Typically these languages will cover some or all the abstraction levels in
MBUID, from the Concepts and Task to the CUI models. The FUI will be
obtained either by interpretation of the CUI models, or by compilation into
some target implementation language. Since the interpreters are themselves
developed in some specific implementation technology, FUIs are in any case
expressed in a different technology from the more abstract models.

Implementation languages, however, have also been evolving from the typ-
ical imperative languages like C or Java into declarative markup languages
such as HTML or XAML. Although markup languages are usually associated
with Web applications, other platforms are also adopting them, for example,
Android.

Implementation technologies are therefore moving towards solutions that
are closer to what is used for modelling. This begs the question of whether a
clear separation between modelling and implementation languages still exists,
or whether it will be possible to bridge the gap between a FUI and its models.
Hence, we analyze the feasibility of using declarative markup implementation
languages at higher levels of abstraction for MBUID.

In order to carry out this analysis, we will compare UsiXML against a num-
ber of implementation languages. UsiXML was chosen since it follows the
Cameleon Reference Framework. The implementation languages we chose to
analyze are: MXML (Flex), XAML (Silverlight) and HTML5 (three of the most
used languages in Web applications development); Android XML (to cover mo-
bile applications); and the LZX Markup language from OpenLaszlo, an industry
framework that generates Flash and HTML.
3.2 Markup Languages Overview

Markup languages are declarative languages, where the code is written in the form of annotations called tags. Building UIs with declarative languages is a paradigm shift when comparing to imperative languages. Instead of defining how to build the interface, we define what the interface is. For example, in order to build, imperatively, a UI with a window and a button, we would first build a window, then build a button, and afterwards define that the button is inside the window. Building the same UI declaratively we would define a window, and a button inside the hierarchy of the window. Another aspect that made these languages prosper is their easier understandability, especially by non-programmers.

This section presents an overview of each of the markup languages chosen for this analysis: UsiXML, MXML, XAML, HTML5, Android XML and LZX. These are all XML-based markup languages, providing tags for describing different input/output controls (buttons, labels, input fields, etc.) and containers, supporting the definition of a UI in terms of the components that it contains. Usually they will be associated with some technological framework, responsible for rendering the interface and for more advanced features such as expressing behavior (typically through a scripting language). Since some of these markup languages have more than one technology available to create the UI, we chose one of them to analyze. For example, for XAML we considered Silverlight.

3.2.1 UsiXML

The User Interface eXtensible Markup Language (UsiXML) (Limbourg and Vanderdonckt, 2004) is a UIDL that supports the description of user interfaces at the different levels of abstraction identified in the Cameleon reference framework. In particular, it supports the creation of domain models, task models, AUI models and CUI models.

The language supports multi-context and multi-target UI development through transformations either between abstraction levels (reification/abstraction), or through changes of context at the same abstraction level. The notion of context is dependent on the specific details of a given development, but might include the users, the technological platform, and/or the environment in which
the interaction takes place.

Available tags change between the different models, as their concepts are different. For example, a control tag in a AUI model might correspond to a button tag in a CUI model.

### 3.2.2 MXML (Adobe Flex)

In 2004 Macromedia introduced its framework to develop RIAs, named Flex. Flex can be seen as a developer driven framework to produce Flash content. Flex applications produce as output Flash files (.swf) and thus run just like Flash applications. In November 2011, Flex became open-source as Adobe donated it to the Apache Software Foundation.

Flex is composed of a scripting language (ActionScript) and of an XML markup Language (MXML). Their relationship is similar to the relationship between JavaScript and HTML. MXML contains the tags expected of an implementation declarative language.

### 3.2.3 XAML (Silverlight)

In order to merge the benefits of the Windows Presentation Foundation (WPF), Microsoft's desktop application user interface framework, with the RIAs' benefits, Microsoft developed Silverlight. It brings applications similar to the ones developed in WPF to all major platforms through their Web browsers. Silverlight applications run in an ActiveX browser plug-in that is installed in the local machine similarly to the Flash plug-in to run Flash based applications.

The user interface is written in a markup language called eXtensible Application Markup Language (XAML). XAML, although originally developed for WPF, was also adopted as the user interface modelling language of Silverlight and Windows 8 Metro interfaces. XAML has tags for the most common widgets in UI development.

### 3.2.4 HTML5

HTML5 is the fifth major revision of HTML, the main language of the World Wide Web. It succeeds the previous version (HTML4), which became a W3C
Recommendation in 1997, and aims to improve over that version in order to enable more complex Web pages to be built. Despite the fact that the HTML5 specification is still under development, the language has gained increased acceptance and support. One of the major driving factors behind its development and acceptance was the increase in the Internet quota of mobile phones.

New features in HTML5 include:

• New semantic elements to better describe a Web page (such as: nav, aside, section, article, header, and footer), in order to diminish the use of the generic div tag.

• New multimedia tags have been added, audio and video, replacing the object tag. These tags enable the quick integration of videos from other resources into a Web page. Moreover, multimedia can now be set to preload or to autoplay and can also have integrated controls.

• New attributes were added. For example, the draggable and dropzone attributes enable support for native drag-and-drop functionality. Another new attribute is hidden indicating that the element is not yet/no longer relevant.

• The canvas tag was added, which supports bitmap graphics. Most browsers currently support 2D canvas, but there are some experimental builds with 3D canvas support.

3.2.5 Android XML

Android is an Open Source platform (Apache License) targeting mobile devices. It is released by Google under the Open Handset Alliance and is based on the GNU/Linux operating system. Android applications are written in the Java programming language. However, instead of using the Java Virtual Machine (JVM), Android uses the Dalvik Virtual Machine, which is optimized for mobile devices.

Unlike the other languages analyzed in this document, which require a markup language to develop the UI, or other languages in which the UI is built programmatically, Android allows the UI to be built both ways. The use of
markup for development is recommended since it has the advantage of separating presentation from behavior, thus making the user interface implementation easier to understand. Nevertheless, it is always possible, even for interfaces defined via markup, to build interface objects programmatically at runtime.

### 3.2.6 OpenLaszlo (LZX)

OpenLaszlo is an Open Source platform which enables the development of interfaces using a specific markup language called LZX. It can then generate applications in either Flash or HTML. The goal is to, in the future, enable the platform to produce applications in other languages, for example, Silverlight. Thus, a user interface description in LZX can be seen as a CUI. This makes it relevant to compare it with UsiXML since in both cases concrete languages are intend to be used as a basis to generate UI description in other languages.

The LZX language is an XML-based language, with JavaScript as the scripting language. It was developed to be similar to HTML and JavaScript. However, the declarative language includes some object-oriented programming features such as: inheritance; encapsulation; and polymorphism. Therefore, LZX can have objects, attributes, events and methods like any object-oriented programming language. Moreover, LZX eases data manipulation by allowing data binding to XML elements.

### 3.3 Comparing the languages

When considering the development of RIAs, a number of features are relevant. These range from the capabilities of the language in terms of content (e.g. multimedia), to tool support for developers. Hence, in comparing the languages the following criteria were considered:

- **Tools:** This criterion specifies how the tools associated to the languages are compiled or executed.

- **Targets:** These technologies can be available in a single or in several platforms.
• Behavior: This criterion contains the different actions that can be performed using the declarative language only with no scripting involved.

• Style: This criterion defines the type of styling associated with the technology.

• Vector graphics: In the last few years it is important for these technologies to have a canvas to enable drawing vector graphics.

• License type: Depicts the accessibility of the technology.

• Tags – a comparison of the tags available in each language, taking UsiXML as the reference. The tags we chose to analyze were the ones present in the CUI examples of the FlashiXML tool (a UI renderer for UsiXML).

Table 3.1 compares the different languages according to these criteria.

In terms of license, although some of these technologies started as proprietary software, currently the only proprietary one is Silverlight. The tools criterion is the one that differs most from language to language. The only language that just requires a Web Browser to run is HTML5. Flex and Silverlight both require a plug-in to be installed. Both LZX and UsiXML have interpreters that compile to other languages. LZX can generate Flash and DHTML applications. UsiXML can generate: Flash via FlashiXML (Berghe, 2004), Flex via FlexiXML (Campos and Mendes, 2011), OpenLaszlo via UsiXML2OpenLaszlo, Tcl/Tk via QTKiXML (Denis, 2005), Java in InterpiXML (Goffette and Louvigny, 2007), among others. Android is the only one that does not run or compile a Web Browser application, it works in Android OS. Therefore, Android is the only technology analyzed that is single platform. These technologies either have CSS styling, or a specific styling done exclusively using markup. UsiXML has a stylesheet tag in its specification. There are tools, such as FlexiXML that support CSS for styling. However, the tool we used, FlashiXML does not support styles. All the languages analyzed had Vector graphics support.

Regarding supported tags, the first conclusion of Table 3.1 is that unlike UsiXML the other markup languages are not prepared to handle behavior tags. They handle behavior by using a non-markup scripting language. On the contrary, UsiXML does not have an associated scripting language. UsiXML behavior
### Table 3.1: Markup Languages Comparison

<table>
<thead>
<tr>
<th>Languages</th>
<th>UsiXML</th>
<th>Flex</th>
<th>Silverlight</th>
<th>HTML5</th>
<th>Android</th>
<th>LZX</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>Tools</strong></td>
<td>Interpreters to other languages</td>
<td>Flash plugin</td>
<td>Silverlight plugin</td>
<td>Web Browser</td>
<td>Android OS</td>
<td>Compiles Flash and DHTML</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Targets</strong></td>
<td>Multiplatform</td>
<td>Multiplatform</td>
<td>Multiplatform</td>
<td>Multiplatform</td>
<td>Singleplatform</td>
<td>Multiplatform</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Behaviour</strong></td>
<td>Multimedia, Transitions</td>
<td>Multimedia</td>
<td>Multimedia</td>
<td>Multimedia</td>
<td>Multimedia</td>
<td>Multimedia</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Styles</strong></td>
<td>Stylesheet</td>
<td>CSS</td>
<td>Markup</td>
<td>CSS</td>
<td>Markup</td>
<td>CSS</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Vector Graphics</strong></td>
<td>Yes</td>
<td>Yes</td>
<td>Yes</td>
<td>Yes</td>
<td>Yes</td>
<td>Yes</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>License</strong></td>
<td>OpenSource</td>
<td>OpenSource</td>
<td>Proprietary</td>
<td>OpenSource</td>
<td>OpenSource</td>
<td>OpenSource</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Tags</strong></td>
<td>box</td>
<td>Group</td>
<td>StackPanel</td>
<td>div</td>
<td>LinearLayout</td>
<td>view</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>gridBagBox</td>
<td>Grid</td>
<td>Grid</td>
<td>table</td>
<td>TableView</td>
<td>grid</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>textComponent</td>
<td>Label</td>
<td>TextBlock</td>
<td>label</td>
<td>TextView</td>
<td>text</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>outputText</td>
<td>Label</td>
<td>Label</td>
<td>label</td>
<td>TextView</td>
<td>text</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>inputText</td>
<td>TextInput</td>
<td>TextBox</td>
<td>input type=&quot;text&quot;</td>
<td>EditText</td>
<td>edittext</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>imageComponent</td>
<td>Image</td>
<td>Image</td>
<td>img</td>
<td>ImageView</td>
<td>image</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>comboBox</td>
<td>ComboBox</td>
<td>ComboBox</td>
<td>select</td>
<td>Spinner</td>
<td>combobox</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>item</td>
<td>ComboBoxItem</td>
<td>option</td>
<td>item</td>
<td>textlistitem</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>button</td>
<td>Button</td>
<td>Button</td>
<td>button</td>
<td>Button</td>
<td>button</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>radioButton</td>
<td>RadioButton</td>
<td>RadioButton</td>
<td>input type=&quot;radio&quot;</td>
<td>RadioButton</td>
<td>radiobutton</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>behavior</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>event</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>action</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>methodCall</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>methodCallParam</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>transition</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>graphicalTransition</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

3.3. Comparing the languages
tags handle basic generic behavior situations like window transitions. Therefore, if more complex behavior is needed it falls to the developer of the renderer application to choose whether or not to use a scripting language. For example, FlashiXML uses ActionScript as the scripting language.

Moreover, the layout is what is prone to have most differences between the languages. Since languages like HTML do most layout by using CSS, while other languages have styling options and different layout options. For instance, Android has tags for Linear Layout, Relative Layout, Table Layout, Grid View, Tab Layout and List View.

Aside from the behavior tags, all other tags have correspondence between the Markup languages. The only exception is the item tag in Flex, which handles *comboboxes* only by data collections and not single items. Therefore, we can do a direct and easy translation between the different Markup languages. Such translation would also need to have in consideration the different attributes of the tags.

However, the translation between the languages is not always unidirectional. For instance, the *box* tag in UsiXML corresponds better to the *div* tag in HTML5. Nevertheless there are other tags, specifically since HTML version 5, that also correspond to a box in UsiXML but have specific semantic meanings such as *nav, aside, section, article, header, footer* tags.

Moreover, some tags can be changed according to the styling they are given. For example, the *span* tag in HTML5 is an inline element whereas a *div* tag is a block-level element. By changing the styling, we can have a *span* tag behaving as a *div* tag and vice versa. This aspect is quite difficult to address in these languages translation.

### 3.4 Case Study

Since in theory the translation between a Web application and any of these languages seemed to be feasible we decided to evaluate the Markup languages strengths and weaknesses through a case study. Therefore, based on an existing application that was modelled in UsiXML which simulated a music player (Mendes, 2009) we added a few more features to the application in order to analyze more expressive features. Thus with the added features the applica-
tion became instead a music store and then we modelled and developed the application in all the languages under analysis.

The example application simulates a Web store that sells CDs, called Music Store. The customer is able to add to a cart several CDs from a list, and afterwards fill his personal data to buy the chosen CDs. The application is composed by two main frames (see Figure 3.2).

![Figure 3.2: MusicStore Application](image)

The initial frame (Shop Frame), depicted in Figure 3.2-a), is composed by a list of the albums in the music store, and a basket list to keep track of the customer’s items. Each album has a preview button which enables a small preview of the album to be played. The customer can buy an album either by clicking on a button next to the album or by drag and dropping the album cover into the basket area. When an album is added to the basket list, the total value of the shopping cart should be updated accordingly.

Afterwards, the customer can move on to Checkout by clicking on the “Proceed to Checkout” button. This button replaces the Shop frame with the second frame (Checkout frame), depicted in Figure 3.2-b).

The Checkout frame is composed by textboxes and a listbox, which enable customers to fill their information, specifically, the name, address and credit
card type. Afterwards, the user can confirm the transaction or go back to the previous frame, where he can rebuild the basket list again. The application screen size is small so that it can also cover mobile applications.

With this example we intend to analyze both the languages capabilities in normal Web applications, with buttons and forms to interact with the user but also some RIAs features. RIAs in comparison to the traditional Web applications have the following improvements: no page refreshing; short response time; Drag and Drop; multimedia animations.

From these improvements, we chose to implement in our application: no page refreshing, the frames transition is done without reloading the page; Drag and Drop, the user can drag the albums into the basket; multimedia by allowing previewing an album by playing a small audio song. The goal is to assess the Markup languages capabilities of handling features of both traditional and rich Internet applications in a simple example. The remainder of this Chapter will present the main aspects that differ in building the application for each language and a comparison between the applications developed.

### 3.4.1 UsiXML

Regarding UsiXML, we developed a Concrete User Interface. The final user interface will have to be generated using an appropriate renderer. In this case, we chose to use FlashiXML.

UsiXML CUI has several types of layouts such as: box, groupBox, flowBox, gridBox, gridBagBox, listBox. However, the FlashiXML renderer seems to work with only a few of them, therefore, we built the entire application with the **box** tag. This tag is flexible since it has an attribute called type that defines the orientation of the child elements.

FlashiXML cannot handle styling, which is aggravated as in this language every element requires quite a few attributes. For example, the labels for the name and street in the **Checkout** frame were coded as depicted in Figure 3.3. By looking at the code in Figure 3.3 it is noticeable that style sheets would make a significant impact in the coding. Moreover, the same pattern is repeated throughout the whole application.

In terms of behavior, UsiXML does not have tags for drag and drop. Therefore, the drag and drop was implemented entirely using ActionScript. The tran-
There are four transitions: Tr1 and Tr2 are fade-out transitions (of the Shop frame and of the background) and Tr3 and Tr4 are fade-in transitions (of the Checkout frame and of the new background).

Another issue is that UsiXML has a videoComponent tag but not a audioComponent one. Thus, we assumed that like some other languages, the videoComponent is used in both cases. Nevertheless, the tag was not tested since FlashiXML does not handle these components. A possible way to add multimedia in FlashiXML is to use ActionScript to do the entire process. However, in that case we are relying in a specific implementation technology. Arguably, we have something closer to a FUI.
3.4.2 MXML (Flex)

Flex layout is done using containers: *Group* behaves like a simple box, *HGroup* arranges the elements horizontally and *VGroup* vertically. Elements can also be arranged according to relative or absolute coordinates. The code below shows the coding of the two labels and the button below the drop area in the Shop.

```xml
<s:HGroup x="444" y="491">
  <s:Label text="Total Price" styleName="labelS"/>
  <s:Label id="totP" text="0 €" styleName="labelT"/>
</s:HGroup>
<s:Button x="578" y="486" label="Proceed to Checkout"
  click="button1_clickHandler(event)"/>
```

In terms of multimedia, these can be handled with tags if using the flash library which has a Sound and a Video tag for audio and video respectively. Drag and drop is supported exclusively through ActionScript.

3.4.3 XAML (Silverlight)

The layout design in Silverlight is very flexible, there are some built-in layouts like grids, stackpanels or listboxes, but we also have the option of controlling the element position by using margin, padding or horizontal and vertical alignments.

Adding multimedia is very straightforward. We add a media element in the XAML, as follows:

```xml
<MediaElement x:Name="media" AutoPlay="False"
  Source="Sounds/05LotusFlower.mp3"/>
```

Afterwards, the event handler uses the following C# code to start playing the audio.

```csharp
media.Position = TimeSpan.Zero;
media.Play();
```
This example also shows that to access a XAML element in C# we just need to invoke his name.

Silverlight drag and drop has some disadvantages. For instance, only a few elements can have drag and drop actions controls. Specifically there are the following implementations: ListBoxDragDropTarget, TreeViewDragDropTarget, DataGridDragDropTarget, and DataPointSeriesDragDropTarget. Thus, for an element to be draggable, it has to necessarily be a child element of one of the previous layouts. A second option would be to do the drag and drop by manually implement the click handlers. A third option would require the use of an external library called Drag and Drop Manager. In our implementation we chose to use the Listbox control, as follows:

```xml
<toolkit:ListBoxDragDropTarget AllowDrop="True"
    AllowedSourceEffects="Copy">
    <ListBox x:Name="Listbox" >
        <StackPanel Name="spPF">
            ...
        </StackPanel>
    </ListBox>
</toolkit:ListBoxDragDropTarget>
```

Therefore, every album is a StackPanel inside a Listbox. However, a difference between this implementation and the applications from the other languages is that instead of dragging just the image, it is possible to drag anywhere in the album area.

### 3.4.4 HTML5

The layout in HTML5 is clearly more difficult to build than most other languages tested in this document. By using CSS, developing the layout feels less natural than using boxes and predefined layouts.

Drag-and-drop is easy to apply in HTML5. Just by adding the `draggable` attribute to an element, that element can be dragged across the application. Nevertheless, in order to define where the elements could be dropped (in this case, the shopping basket) a small amount of JavaScript was required.

The new multimedia tags, in this case the audio tag, are very useful. Just by adding the code depicted in Figure 3.4, the audio file is in the application, and the controls are added, which enables to control the song playback and volume. The controls are depicted in Figure 3.2, in the black box in the bottom of the main frame, in this particular case are the Firefox browser controls.
A problem with building an application in HTML is the different browsers' reactions to the same code. Furthermore, with HTML5, the browsers have even more differences. For example, in the previous audio tag, an ogg and an mp3 file were added since neither the current Opera and Firefox played mp3 files. Moreover, browsers are still updating to add the new HTML elements. For example, in Internet Explorer the hidden tag does not set the elements to invisible, thus, both frames and controls appear when the application starts. This is expected to improve with time.

### 3.4.5 Android XML

Despite mobile phones’ screen size being much smaller than a computer’s screen, we opted to keep the application exactly the same. To compensate for the screen size, we added vertical scrollbars to navigate up and down the albums list, the shopping basket list and the entire form in the second frame. Another development decision was to keep the layout as the default android light layout. The major difference from the other languages applications is the form which now has a different look which is more appropriate towards mobile systems.

The Android XML seems to be more verbose than all the other Markup languages analyzed in this document. As an example, a simple label would be defined as follows:

```xml
<TextView
    android:id="@+id/nameLabel1"
    android:layout_width="50dp"
    android:layout_height="wrap_content"
    android:text="@string/namelabel" />
```

Another interesting characteristic in Android development is that it encourages keeping an XML file named strings.xml where all the strings should be
stored. For instance, the string label from the above example is stored in that XML as follows:

```xml
<string name="namelabel">Name:</string>
```

This separation between the strings and the actual interface and application source code, enables to easily change the strings contents in the future.

In terms of multimedia, android doesn’t have a tag for audio. Nevertheless it has a tag for video called VideoView.

The Drag and Drop in Android is achieved by using the setOnTouchListener method in the elements that should be dragged and then using the method startDrag() to enable the drag. The elements that are expecting drops should implement the onDragListener. This listener uses a method called getAction() which retrieves the current action of the drag. This action could be if the drag element has entered or exited the drop area or if the drag element has been dropped in the drop area. This last action is what we are interested in this particular application.

### 3.4.6 LZX

The layout and design process in Laszlo is easy both to accomplish and to learn. The main component is called "view" which visually is a rectangular container. Obviously there can be nested views, and they are used to organize the elements on the rendered application. Moreover, application elements can be arranged easily on the page, by using layouts. For instance:

```xml
<simplelayout axis="x" spacing="6"/>
```

Arranges all elements according to the "x" axis and with a spacing value of 6. Furthermore, elements can also be placed with relative and absolute positioning like HTML. Nevertheless, using the boxes for arrangement is more understandable.

OpenLaszlo has a multimedia tag for both audio and video called videoview. Moreover, we can also add video and audio as resources of regular views. However, in the current version, multimedia only works when the application is compiled to Flash.
The drag-and-drop of the albums was hard to implement. In Laszlo, we had to implement the methods to start and stop the dragging and also the methods to check if the element where we dropped the image was the correct one. For example, the code for the last method was the following:

```xml
<method name="droppedInView" args="theView">
  <![CDATA[
  var absX = theView.getAttributeRelative("x", canvas);
  return (this.x > absX && this.x < absX + theView.width);
  ]]></method>
```

The `<![CDATA[ and ]]>` tags allow to write characters that would otherwise won't be possible in XML files (for example the `'<' and ']'` signs). The function that defines if the space where we drop an object is some view had to be coded in that method. In this particular case calculated by the absolute coordinates of the view.

### 3.4.7 Applications Comparison

After all the applications were built, we analyzed them according to a number of metrics. The result is depicted in Table 3.2. The first criterion was the number of different tags present in each applications. UsiXML is clearly the one with a greater diversity of tags. Nevertheless, that greater number can be related to having behavior tags also, which can also be seen in Table 3.1. HTML5 high value is related to this new version bringing new tags to bring more expressiveness to the language.

The second criterion defines the total number of XML lines. The two outliers are UsiXML with the biggest number of lines and Flex with the lowest number.

The third criterion is the total number of scripting lines. In this criterion LZX is clearly the language that requires less scripting. Mostly due to the fact that the scripting code in LZX is greatly embedded with the XML code.

For instance, the code for the Back button in the Checkout frame is depicted in Figure 3.5. This code shows that not only is the script written inside the method tag but also that the elements (shop and payment) are easily invoked and altered.
Table 3.2: Application Comparison

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>UsiXML</th>
<th>Flex</th>
<th>Silverlight</th>
<th>HTML5</th>
<th>Android</th>
<th>LZX</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Different Tags</td>
<td>23</td>
<td>14</td>
<td>12</td>
<td>18</td>
<td>12</td>
<td>17</td>
</tr>
<tr>
<td>XML lines</td>
<td>215</td>
<td>139</td>
<td>182</td>
<td>182</td>
<td>189</td>
<td>187</td>
</tr>
<tr>
<td>Scripting lines</td>
<td>70</td>
<td>102</td>
<td>128</td>
<td>85</td>
<td>98</td>
<td>33</td>
</tr>
<tr>
<td>Styling lines</td>
<td>0</td>
<td>6</td>
<td>0</td>
<td>93</td>
<td>0</td>
<td>0</td>
</tr>
<tr>
<td>Number of lines</td>
<td>285</td>
<td>247</td>
<td>310</td>
<td>360</td>
<td>287</td>
<td>220</td>
</tr>
<tr>
<td>Scripting lines (%)</td>
<td>24.56</td>
<td>41.3</td>
<td>41.29</td>
<td>23.61</td>
<td>34.15</td>
<td>15</td>
</tr>
<tr>
<td>Number of Tags</td>
<td>141</td>
<td>107</td>
<td>139</td>
<td>106</td>
<td>132</td>
<td>146</td>
</tr>
<tr>
<td>Attributes</td>
<td>653</td>
<td>236</td>
<td>646</td>
<td>121</td>
<td>572</td>
<td>186</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Figure 3.5: LZX back button source code

```xml
<button onclick="back();">
  Back
  <method name="back">
    shop.setAttribute('visible',true);
    payment.setAttribute('visible',false);
  </method>
</button>
```

The forth criterion shows the total number of styling lines, we decided to do styling only when needed. And HTML5 is the language that normally requires styling, mostly for layout purposes. It is also interesting to notice that although such a high number of lines were used in styling, the XML file size is still similar to the Silverlight, Android and LZX which had no styling in this implementation.

This leads to the fifth criterion, total number of lines, where HTML5 is clearly the one that requires more lines. While LZX and Flex took the least amount of coding.

The percentage of scripting lines criterion show us how much imperative programming do we need comparing with the whole application. Both Flex and Silverlight require a high amount of imperative programming comparing with the rest of the technologies analyzed.

In terms of the total number of tags, UsiXML and LZX have more tags than the rest. It is interesting to see the HTML5 behavior since it was one of the languages with most XML lines, but is the one with less total number of tags.
The last criterion is the total number of attributes. In this criterion, UsiXML, Silverlight and Android clearly use many more attributes than the other languages. HTML5 although the language with more total number of lines, is in this criterion the one with lowest number of attributes, reflecting the styling effect in these metrics.

3.5 Summary

This chapter comprises a comparison of different declarative GUI implementation languages with a declarative modelling language. Given that the implementation technology has moved towards declarative markup languages, we were interested in analyzing the viability of using the interfaces expressed in those languages as models of the user interfaces.

Looking at the results, we see that not all aspects of a user interface can be handled declaratively. In particular, implementation languages are not prepared to handled behavior declaratively. This limits the specification of the interface we can perform using declarative languages only. To be fair, this is an issue also in terms of the modelling language as UsiXML provides few behavior specific tags too (e.g. transitions).

Some of the languages have several tags to define the same concept. Although this increases the expressiveness of the language, it also decreases the level of abstraction of an hypothetical model. For instance, in HTML5 we can have `div`, `nav`, `aside`, `section`, `article`, `header`, `footer` all corresponding to a box at a higher level of abstraction. Nevertheless regardless of the larger number of tags in a language, it still falls to the developer the decision to use them or not. Hence, we can think of defining profiles or dialects of the language for CUI (AUI) modelling. It could be decided, for example, that a box should always be modelled by a div tag. This will allow us to embed a modelling language inside a implementation language, taking advantage of all the tool support that is available. This is particularly relevant when it comes to animating the models as, as the analysis has shown, the fact that specific players are needed for modelling languages, raises a number of issues in terms of support for specific languages features. However, it must be noted that regarding aspects as model transformation and context adaptation, the tool support provided by UsiXML
related tools will be lost.

Another aspect that might create difficulties, in particular if we consider deploying the models to different languages, relates to managing layout and expressing behavior. The languages are very different in terms of these aspects. In fact, the amount of layout options differ significantly from language to language, and while they all resort to scripting to express behavior, the scripting languages used differ. Considering our case study, from the 5 implementation languages analyzed, LZX and HTML5 had better results than UsiXML when comparing the percentage of scripting lines required. Hence, they seem as the natural choice for the embedding mentioned above.

In terms of limitations of the analysis, it must be recognized that our analysis was focused mainly in CUIs. The capabilities of implementation languages at higher levels of abstraction like AUIs requires further consideration. Moreover, our analysis was targeted specifically at GUIs. This happens because the notion of context that interests us the most relates to the form factor of the device displaying the interface.

Another aspect is that nowadays a relevant number of Web applications is built dynamically. That is, the markup used to generate the interface is not written directly by the developer. Instead, code is written that generates (or, at least, manipulates) the markup. This means the markup will only be available at run time, which in turn means that we need dynamic code analysis techniques to be able to obtain and transform the user interface.

Hence, as future work we intend to, on the one hand further develop the notion of embedding a modelling language in a implementation language, and on the other hand, study techniques for the dynamic analysis of the interface in order to extract and transform the models.
Chapter 4

FREIA Approach

As seen in the preceding chapters there is a need for a tool that is able to reverse engineer into detailed abstractions a broad range of Web applications. This lead us to create FREIA: A Framework for the Reverse Engineering of Internet Applications. A preliminary version of this work was published in (Silva and Campos, 2013).

4.1 Overview

The problem with existing reverse engineering tools using dynamic analysis is that the models are not detailed enough, causing problems with disambiguation in those models. In terms of static analysis, current tools do not cover a broad range of different applications since there are numerous different technologies and the code can be too dynamic for a static tool to fully work. Mesbah et al. (2008) even claim that reverse engineering Ajax based on static analysis is not feasible.

To overcome the limitations above we decided to reverse engineer Web Applications using a combination of static and dynamic analysis. In the remainder of this chapter we propose a new process for a hybrid reverse engineering framework. The main idea is to use dynamic analysis to run the application and build the application models and static analysis to guide the exploration and add more detail to those models.

In terms of crawling the application under analysis the process is fully dynamic and comprises the following:
• The use of a Web Automation tool to open and gather information from Web pages.

• Navigation between different pages by filling existing form fields and triggering the events.

• Returning to pages that were not completely explored.

Being able to navigate between the pages, the process for analyzing each page can be summarized as follows:

1. Identify the different elements and widgets of the page.

2. Analyze the interaction widgets for the corresponding listeners.

3. For each listener found, create an abstract representation of the corresponding function, in order to extract the conditions affecting the function’s control flow.

4. For each condition classify the variables used.

5. Generate test cases according to the condition and the variable found.

6. Trigger a not fully tested widget

7. Analyze the resulting page and infer if it is a new state or not.

The goal of the tool is to explore an application using an analysis of the code being used in the event handlers to guide that exploration. The end result is a model depicting the different pages of the application with the conditions and input values of how those pages are reach.

The following is a more detailed explanation of the analysis.

4.1.1 Identifying elements

After starting the application using a Web automation tool we then analyze the page. That analysis encompasses gathering data from the Document Object Model (DOM). In particular, we must analyze the elements in the DOM that are responsible for behavior. Thus gathering all the different input, select, button and anchor tags from the application.
4.1.2 Identifying event handlers

Most tags in HTML can have behavior added to them through event handlers. Hence, we need to find which elements have event handlers associated to them. The problem in identifying the event handlers is the numerous ways of adding them to elements. This problem is further exacerbated by the fact that most JavaScript frameworks provide their own method.

Ideally the framework should be able to identify all the event handlers present on a Web Page.

4.1.3 Identifying control flow variables

For each event handler found, we must use a JavaScript parser to create an Abstract Syntax Tree (AST). Afterwards, we analyze the instructions that are control flow statements. That is, statements that can cause the application to behave differently under different conditions. We consider the typical control flow statements: conditional statements (ifs/elses/ternary operators) and loop statements (while and for loops).

4.1.4 Classifying the variables

Once the control flow elements are identified, then for each of them the variables being used are classified into two categories: input variables and synthesized variables. Input variables are those that we can control during dynamic exploration. That is, variables whose values come from controls (text fields, radio buttons, etc.) in the user interface. We can control them because, during dynamic exploration we provide values for those controls. Synthesized variables are those whose values are obtained from computation inside the program (for example, function calls, server side calls, etc). The point is that we are not able to determine their value beforehand. Be it because that would imply extending the static analysis beyond the analysis of the event handlers (and even so, there would be no guarantee that the value could be statically determined), be it because we simply do not have access to the source code at run time (for example, in the case of a call to server side logic).

The source code depicted in Figure 4.1 illustrates both types of variables. Variable a (relevant because it is used in the condition of the if statement in
function f(){
    var a = document.getElementById('a');
    if(a>0){...}
    var b = server_call();
    if(b>0){...}
}

Figure 4.1: An example of both types of variables

line 3) is an input variable since the previous declaration sets the variable to a value obtained from an element of the Web page. Variable \( b \) is a synthesized variable since in line 4 its value is set to the return value of some server call we are not going to further analyze.

### 4.1.5 Generating input values

Once the control flow conditions and their variables are identified, we generate values to test both success or failure in the conditions. The value generation is done using a constraint solver. The more powerful the solver, in terms of working with several data types and recognizing some target source code functions, the more accurate the generated value will be.

Each input variable found is associated with an HTML element. Hence, we communicate with the browser to send the generated values to the respective elements in the Web application. For example, in the previous example we would fill a value greater than zero in the HTML element \( a \) on one iteration, and afterwards a value lesser than or equal to zero in another iteration.

However, synthesized variables are not related to any element in the Web page. Since we cannot control the outcome of the calls to the applications' logic, in order for cover both satisfying or failing the condition we need to be able to forcefully change the values of the variables, previous to the conditional statement. We solve this by instrumenting the source code of the event handlers. This will be further discussed in Section 6.3.3.
4.1. Overview

4.1.6 Triggering the event

When either of these variables types is tested, by filling the generated value in a form field or by instrumenting the event handler we then need to trigger the event (associated to the listener where those variables were found) on the Web Browser and analyze the resulting Web Page. Then we need to ascertain, by comparing the new page with the previous pages we analyzed, if we consider the new page as a new state or not.

4.1.7 Comparing Web pages

After triggering an event we need to analyze the new page and compare it to the existing states in our state machine. The comparison of the pages changes according to how we perceive the concept of state of the user interface. For instance, one example is to consider as state the visible HTML elements on the page. Obviously, changing the state to consider also the invisible elements of the page, as seen in (Mesbah et al., 2012), may yield different results depending on the target application. Moreover, we can also decide that we need a more abstract model and define HTML tags or attributes that can be excluded from our comparison. This is useful for example to consider as the same state pages where only text has been altered, or pages where the only difference is that some an HTML list has more or less elements (cf. Section 7.2).

4.1.8 Crawling process

How the crawling process progresses, depends on the result of the comparison above. In case the new page is not similar to previous analyzed ones, we need to add a new state to the state machine and redo the event handlers analysis. If the page is similar to the one we already analyzed we search the entire state machine for untested values in variables, to see if there are still not fully explored states. Assuming there still are untested values we need to return the application to that previous state and then redo the process according to the types of variables that need to be tested.

The process stops when there are no more values to be tested in the entire state machine. The whole process is depicted in the activity diagram in Figure 4.2.
Figure 4.2: An overview of the crawling process
4.2 Framework components

To build a tool that follows this process, described in Section 4.1 we propose an architecture based on components that perform specific tasks. One goal is that it should be relatively easy to add new components to the framework. This is important to enable plugins to do specific tasks to be added to the framework. An overview of the architecture is depicted in Figure 4.3.

We group the individual components according to the level of interaction with the Web Browser, thus we have three groups:

- The Controller contains components responsible for interacting with the Web Browser to control the flow of the application. These include the Crawler, the Reach State and the Event Trigger.

- The Page Analyzer contains the components that only interact with the Web Browser to gather data, which contains the DOM Analyzer and the Event Detection.
• The *Data Processing* contains the components that have no interaction with the Web Browser which are the State Comparison, the Event Analyzer and the Input Generator.

The following comprises an explanation of each component in more detail.

### 4.2.1 State Machine

We need to define how to store the data of our analysis. This includes both the data about what we analyze in each state and the information we gather from the crawling process.

In terms of storing the page state on a model, we have previously discussed several different markup based modelling languages in Chapter 3. The simplest option is to take a snapshot of the DOM at the crawling time, and use the HTML to store the state. Another option would be to use a tool to convert between the HTML and one of those other discussed markup languages. For example, ReversiXML is a tool that receives a Web Page and reverse engineers it into UsiXML CUI or AUI models. As discussed in Chapter 3 this conversion would have the advantage of reducing the number of tags in the model, obviously depending on the target model expressiveness, and thus increasing its level of abstraction.

The crawling which represents the behavior of the application can also be modeled in several ways. State machines (Chow, 1978), StateWebCharts (Winckler et al., 2003), Petri Nets (Navarre et al., 2009) are all viable options for describing the behavior of the analysis. A more thorough analysis of the source code might also enable the translation of JavaScript into behavior tags as the ones present in UsiXML, but that is outside the scope of the analysis we perform.

### 4.2.2 Web Test Automation

Web test automation is the component responsible for creating Web Browser instances and communicating with those instances. It must be able to find elements in the DOM tree and interact with those elements. Moreover, it should be able to execute JavaScript in the target application.

The tool must have the following features:
4.2. Framework components

- Be able to open a test Web browser with a target URL
- Be able to access HTML elements
- Be able to perform actions in the elements (e.g. filling text or clicking elements)
- Allow the injection of JavaScript in the page

There are a number of Web Automation tools that have these features. For example, Selenium WebDriver\(^1\) which works in several programming languages such as Java, C#, Python, Ruby, PHP, Perl or JavaScript. There also is a working draft for a WebDriver API\(^2\). This means that if the draft is accepted other Web automation tools will also implement the same API making tools that use Selenium also work with those other Web automation tools.

Another example of Web automation tools are Watir\(^3\) which is based on Ruby or similarly Watin based on C#\(^4\).

4.2.3 Crawler

The crawler is the component that enables us to systematically browse and explore the target application.

The main goal of the crawler is to choose at each particular time which events, and their consequent input actions, to trigger. There can be different strategies implemented so that it is easier to change the behavior of the crawler. For instance, there can be situations where choosing the first event that appears in the DOM could be better than choosing a random event on the page to trigger.

In summary the crawler is the component responsible for deciding which events are going to be triggered and which forms are going to be filled in each step of the exploration.

---

\(^1\)http://docs.seleniumhq.org/projects/webdriver/ (last accessed: February 1, 2014)
\(^2\)https://dvcs.w3.org/hg/webdriver/raw-file/default/webdriver-spec.html (last accessed: February 1, 2014)
\(^3\)http://watir.com/ (last accessed: February 1, 2014)
\(^4\)http://watin.org/ (last accessed: February 1, 2014)
4.2.4 Reach State

When the crawler reaches a state where all the events were already explored there is the need to search the other states for events that not explored. In case there are unexplored events, we need to be able to return to each of the previous states of the target application where those events can be triggered, in order to explore them.

There are several options for us to return to a state, which depend on our ability to reset the application state and the time it takes to reach a state.

For instance, Figure 4.4 depicts a state diagram very similar to the one produced by our case study of the contacts agenda (see Section 7.1) after a first linear run of the crawler. States represent UI states and transitions are labeled with the user interface events that cause state changes. Lists of events in the states represent the events that are possible in the state and are annotated with how many times they have been triggered. In this particular case we were only using the successful authentication cases.

Having triggered the first three events the crawler reached state 4. From
there it kept triggering the missing events in state 4, 3 and 2 which eventually led back to state 1. At that point, the analysis of the state machine shows that in state 3 both event 7 and 8 were not explored. Therefore the crawler triggered once more events 1 and 2, reaching state 3, where it triggered event 7 leading us to state 4. Since all events were tested in state 4 we perform another analysis of the events of the overall state machine which shows that Event 8 on state 3 still needs to be tested.

Thus we need to decide how should we go to a state after the initial run is performed. There are two approaches we could follow:

1. We could restart the browser and always go to State 1 and from that state we use the minimum shortest path between that state and the one we want to reach.

2. We could try to go backwards and see if there exists a minimum shortest path between the current state and the one we want to return to.

The first approach would require us to reopen the browser of the target application, thus leading us to state 1 and then trigger event 1. Afterwards we need to check if we are indeed in state 2 and in case we are we need to trigger event 2 and check if we are at this point in state 3. Only in case all these checks are positive have we successfully reached the intended state. The second approach triggers event 4, than checks if we reached state 3.

An important aspect that we need to be able to discern is if we have the capability or not to reset the application. That is, if we are doing our analysis in an application that we have full control of, we should be able to reset the application, and in such cases using the first approach would always get us to the correct state. By resetting the application we consider all the actions needed to put the application in the same state that it was when the analysis begun.

Analyzing applications we do not have control of, we must assume that the state may change even when opening the application again in the Web Browser. Thus, the Reach State component should be customizable in terms of which types of approaches are used. In the case of applications whose state we cannot reset, we should use the second approach. If the second approach fails we should use first approach. If the first approach also fails we should set that state as unreachable, so that it is not analyzed another time. Another option
would be to try all the different paths possible to reach a state and not only the shortest.

### 4.2.5 Event trigger

The event trigger is, as the name implies, the component responsible for triggering the event handlers on the Web page. Thus, it needs to locate the element in the page and then discern the correct way to activate the widget. For instance, a button is handled by sending a click but a drop-down list is handled differently, we need to click a specific element and record its information so that we are able to recreate that event.

This component also includes using values we want to test in the event handlers we will trigger. Thus, this component is also responsible for both filling the inputs and to perform source code instrumentation to handle more complex variables under analysis.

### 4.2.6 State Comparison

When we trigger an event on the page, we then analyze the page and must be able to define if the page is or not a new state. Thus we need a component for comparing states and ascertain if they are similar or not.

There are several options for the state comparison. The most immediate is to compare the DOM of both pages being compared. However, if we want a more thorough analysis we would have to embed all CSS attributes in the DOM and then compare both detailed DOMs.

Other option we found useful is to compare only the visible HTML elements. In order to do this, we must be perform some pre-processing and find the visible elements, and then consider only that subset of the HTML for the comparison. There can be circumstances when triggering an event on a page only changes some hidden html content, thus, not changing anything visually, and we may want to consider those changes to not be different pages states.

Another option valuable in certain situations is to be able to remove some tags from the comparison. This enable us to increase the level of abstraction of our models. For example, if we do not want to consider changes in list sizes or text contents new states. This type of comparison was used in the Class
4.2. Framework components

Manager case study (see Section 7.2).

It is also important to consider the level of detail of our comparison. That is, we must have a metric to change how strict our comparison is. For instance, if our metric is the percentage of the similarity, we may be interested in consider new states only states that are for example less than 90% similar.

For producing different analysis in different levels of abstraction, the tool must be able to implement all the discussed options and allow to switch between them.

4.2.7 DOM Analyzer

The Dom Analyzer is the component responsible for parsing the DOM, and adding custom CSS attributes.

The interaction with the Web browser enables us to retrieve the DOM of the Web page at a given time. We then have to make several analysis of the DOM in order to gain an understanding of the behavioral elements in the page. Thus, we need an HTML parser for the DOM.

Moreover, we must be able to catalog the elements according to how we consider them. For instance, it is obvious that buttons are clickable elements, however, there are many other elements that can have clickable behavior associated with them. Therefore, we need to have a customized set of elements that we consider likely to have behavior. Those elements are all going to be tested in terms of clicks or other interaction forms to see if they produce changes in the page, regardless of us being able to discover their event handlers or not.

This component is also used to detect which HTML elements are visible and which are invisible. The results of this analysis enable us to create other versions of the DOM, one with just the visible elements, and other with a custom attribute in each element for its visibility. This is needed in order to have different types of page comparisons as discussed in the state comparison component.

There may also be the need to add other attributes to the DOM. For instance, if we are interested in having the information on each element’s position on the Web page, we may need to parse the CSS, or send JavaScript to the page to gather this information and then add that information to the DOM. This is important if there is the need to have a more detailed model of each state of the Web page.
4.2.8 Event Detection

In order for us to perform the static analysis part of our approach we need to be able to discern which are the event handlers of an application at a given time and which is their associated source code.

In terms of discovering events, there are several different ways of adding event handlers to the elements. These options are further detailed in Section 5.2.

The goal of this component is to retrieve every event handler source code present in the target application.

4.2.9 Event Analyzer

This component’s goal is to analyze the event handlers in order to discover the variables and the conditions they are associated with. In order to do this we need to have a JavaScript parser to create ASTs from the source code.

Then we need to analyze those ASTs to identify the statements that affect control flow. The relevant constructs are: ifs/elses, ternary operators, and while/for loops. Moreover, it is also necessary to analyze the variables used in those constructs. It is also important to notice that our analysis is focusing only on events associated with visible elements.

Initially, we statically analyzed and classified those variables, based on how they are used on the source code, into the following four categories:

- **Constants** - are variables that remain unaffected by any type of function call. Our analysis will ignore these variables since we consider them of no interest, as they cannot cause changes in the logic of the control flow.

- **Element variables** - are variables that use function calls like `getElementById(...)` to retrieve elements from the page. Moreover, these variables are further divided into:
  - **Input variables** - elements of the page that a user can manipulate (e.g. textboxes).
  - **Static variables** - elements of the page that a user cannot manipulate (e.g. labels).
4.2. Framework components

- **Synthesized variables** - are variables that use other types of function calls, typically these will be calls to auxiliary functions at the user interface level, or to the business logic of the application.

- **Object variables** - are variables which are associated with an object or an object property.

An analysis of more complex pieces of source code led us to the need of also identifying three more types of variables:

- **Global variables** - If the variable declaration or assignment is outside the scope of our function we consider that variable to be global.

- **Control Flow variables** - are variables that have simultaneous assignments in different parts of the source code under different control constructs.

- **Hybrid variables** - are variables for whose classification we identified more than one type of the previously discussed types of variables (except constants since those can be ignored). For instance, in the following source code variable \( b \) would be obtained from both an input variable and a synthesized variable:

```javascript
1 var b = document.getElementById('c');
2 b = b + getServerData();
3 if(b>0){...}
```

Another aspect we can see from the source code above is that our analysis must include all previous assignments of that variable in the source code. Otherwise, in the previous code we would define the variable as Synthesized instead of Hybrid, which would be inaccurate.

Our approach to gather the data regarding variables is the following: we start by gathering the control flow constructs present in the portion of source code we are analyzing. This source code is either an event handler function or a single function in the code we retrieved by analyzing a function call. For each construct we gather which variables are used.

The following source code shows an example of an if construct:
if(b==document.getElementById('c')...);

We differentiate our analysis according to the variable. If we have a single name token followed by any type of operator we have to analyze the previous code in search for that variable assignment, such as, b in the source code above. In that case we extract all the previous assignments of that variable on the source code and analyze each one for the types of variables being used. Afterwards, according to the number of different types found we identify the variable under analysis conforming to the previously explained catalog.

However, if we have more complex constructs before or after the operators, e.g., document.getElementById('c') in the above source code, we process them as a variable. Therefore, we need to identify which type of variable that part of the source code is according to our catalog, in this example we would identify it as an Element variable.

4.2.10 Input Generator

The Input Generator’s component goal is to generate inputs according to the different conditions being tested. The inputs are generated for both input and synthesized variables, being that they are afterwards used in the inputs elements, for instance, text in textfields, or instrumented in the source code according to the type of variable.

This component receives the condition subset of the JavaScript AST and needs to be able to interpret the conditions and produce values accordingly for both boolean results. The accuracy of produced the produced values are dependent on the ability for the tool to analyze the condition and the types of constraints being used. Therefore it is imperative for this component to have a constraint solver embedded.

The most common constraint solvers are made for integers, for instance Choco (Jussien et al., 2008). However, most recent work comprises making these solvers also work with Strings, see for instance, the work of: Bjørner et al. (2009), Hooimeijer and Weimer (2009), and Zheng et al. (2013) which was used by Artemis (c.f. Section 2.1). A viable solution would be the usage of Kaludza\(^5\) the constraint solver used in Kudzu (c.f. Section 2.1) since besides

\(^5\)http://webblaze.cs.berkeley.edu/2010/kaluza/ (last accessed: February 1, 2014)
handling strings, regular expressions, multiple variables and string equality it was developed having JavaScript as a target language thus being capable of solving string operations.

4.3 Summary

This chapter presented a generic approach for a tool to combine both static and dynamic analysis in order to reverse engineer Web applications.

The dynamic analysis comprises the ability to run the Web application in a controlled environment where we can gather information about the state of the application, interact with the application and inject JavaScript in the application. Therefore, dynamically we run the application, fill forms, trigger events, leading us to explore different states of the application.

During the dynamic analysis for each page we encounter we then statically analyze the event handlers present on the page. This static analysis comprises creating an AST of the JavaScript and gathering all the control flow statements in the application. Afterwards, each statement is analyzed in terms of the different types of variables that are present. Those variables are then used by a constraint solver in order to generate values that are then going to be tested in the application.

Thus the envisioned approach is composed by components that perform specific tasks, those are: the Crawler, the Reach State, the Event Trigger, the State Comparison, the DOM Analyzer, the Event Detection, the Event Analyzer and the Input Generator.

Such a tool is able to explore a Web application dynamically but also guide the exploration by analyzing the event handlers source code. Thus creating models which are no only more complete in terms of different states found but also in terms of having information about the control flow structures that led to the transitions between the different states of the application under analysis.
Chapter 5

Characterizing the Control Logic of Web Applications’ User Interfaces

In order to validate the proposed hybrid approach to the reverse engineer of Web applications, we need first to understand how much of the control logic of the user interface can be obtained from the analysis of event listeners, and whether we can adequately identify and process those event listeners. To that end, we have developed a tool that enables us to perform such analysis, and applied it to the implementation of the one thousand most widely used Web sites, according to Alexa Top Sites\(^1\). In this chapter we describe how the study was setup, and the results that were achieved. The study on this Chapter was originally published in (Silva and Campos, 2014).

5.1 Criteria for Analysis

Since the interest is in identifying possible alternative behaviors of the system, and the conditions under which these alternative behaviors occur, the focus of the static analysis are the conditions in if statements and loops in the event handlers.

The analysis of the Websites was thus made according to a set of criteria defined to help understand how much information could be obtained from the event handlers. The following criteria were defined:

\(^1\)http://www.alexa.com/topsites (last accessed: February 1, 2014)
Chapter 5. Characterizing the Control Logic of Web Applications’ User Interfaces

- **Number of hrefs** – The analysis of how many hrefs are used in the page. A high number of hrefs and the failure to detect events handlers might lead us to infer the usage of Web 2.0 versus static techniques in the page.

- **Number of Events** – This criterion is the total number of event handlers we were able to find on the Website.

- **Number of Click Events** - It is important to discern, from all the events in the page, those which are triggered by clicks, since they are easier for us to simulate. Moreover, only the visible click events are being considered in this criterion.

- **Number of Ifs** – This criterion is important since we need to measure how much used these constructs are, in comparison to others that affect the control flow of the application.

- **Number of other Control Flow constructs** – The other type of constructs related to the control flow we are analyzing, these include while/for loops and ternary conditional operators.

- **Number of each different type of variable** – This criterion counts the number of variables we found, for each of the variable categories defined in Section 4.2.9, whose value is obtained from elements in the page. Note that we are currently not distinguishing between input and non-input elements. Moreover, this analysis was performed by detecting usage of classic JavaScript `getElementBy` function calls only.

- **Event Delegation** – If our analysis infers the Website uses the event delegation approach for event handlers (see Section 5.2).

5.2 Event handler detection

In order to combine dynamic analysis with the static analysis of event handlers, we must be able to identify those event handlers at run time. Identifying the event handlers in a page, depends on how those event handlers were added to the page in the first place.
There are two main approaches to add events to a Web page. The classic approach is to add an event handler to an element. However, even using this approach, there are several different ways of adding event handlers to the elements. A simple example is:

```javascript
1 element.onclick = event_handler;
```

An event handler added in this way is retrieved simply by querying `element.onclick` in JavaScript. However, in our analysis, we soon discovered that most Websites use other methods for adding event handlers. For example:

```javascript
1 element.addEventListener('click', event_handler, false);
```

The above source code is another option of adding an `onclick` event to an element. This example is using DOM level 2\(^2\) event handling model. One difference is that using this model we can add multiple event handlers to the same element. Another difference is that querying the `onclick` attribute in this case will not retrieve any results. Moreover, we also have to consider all the different JavaScript frameworks, for instance, in jQuery (Jenkov, 2013) the event handler is added as follows:

```javascript
1 $(element).click(handler);
```

To address this we resorted to Visual Event\(^3\), an open source framework which is able to parse the source code written in several JavaScript libraries and retrieve those event handlers. It currently works with a number of different libraries, and can be extended by developing new parsers for those not supported and adding them to the framework.

The other approach to adding event handling code to a Web page is called event delegation\(^4\). The idea is to take benefit of the browsers' event bubbling features. That is, when we have nested elements in HTML, triggering an event handler in an element also implies triggering the handlers for that event in the

\(^2\)http://www.w3.org/TR/DOM-Level-2-Events/ (last accessed: February 1, 2014)

\(^3\)http://www.sprymedia.co.uk/article/Visual+Event+2 (last accessed: February 1, 2014)

\(^4\)http://icant.co.uk/sandbox/eventdelegation/ (last accessed: February 1, 2014)
parent elements. For example, in Figure 5.1 on the left side we have the source code of a simple Web page with three nested `divs`. Triggering an event on the innermost element, that is, `div c`, causes the browser to traverse the Document Object Model (DOM) from the root node (`html`) to the element. This is called the capturing phase. Afterwards the browser also needs to traverse the DOM from the element to the root node, this is called the bubbling phase. Depending on the browser and how event handling is configured, relevant event handlers will be triggered in each element in either the capturing or bubbling phase.

This behavior of the Web browsers led to the usage of event delegation. That is, instead of assigning event handlers to each element, we assign a single handler to a parent container (the extreme case is to add the handler to `body`) and that container then controls the events depending on which child element has triggered the event.

Discerning which technique is being used is important since the approach to reverse engineering the events is completely different. After all, on the classic approach we can simply analyze the handlers for each element whereas in the event delegation approach we must use additional logic to identify which element triggers which behavior.
5.3 Framework’s architecture

In order to gather the data of the Web sites we use some components of our framework to analyze pages according to the criteria defined in Section 5.1. The architecture of the subset of components used is depicted in Figure 5.2. Although the DOM analyzer component remained exactly the same both event detection and event analyzer components are adapted versions from the FREIA tool implementation described in Chapter 6.

5.3.1 Event Detection

The Event Detection component analyzes the page and searches for the event handlers that are present therein. As we discussed previously in Section 5.2, we must be able to search for the event handlers independently of what approach is being used in the Web page. Thus, Visual Event is first used to retrieve all the event handlers assigned to the Web page using the classic approach.

However, the event delegation approach is significantly harder to analyze.
Chapter 5. Characterizing the Control Logic of Web Applications’ User Interfaces

```javascript
document.body.onclick = function(e) {
    e = (e) ? e : event;
    var el = e.target || e.srcElement;
    if (el.id == "c") {
        // Handler code
        if (e.preventDefault) {
            e.preventDefault();
        } else {
            e.returnValue = false;
        }
    }
}
```

Figure 5.3: An example of using Event Delegation

Since it can be implemented in several different ways, we are currently only identifying if that approach is being used. Even to perform that identification, we require an analysis of the entire JavaScript source code, in search of usages of JavaScript tokens similar to the ones present on Figure 5.3, which depicts the source code of an example of assigning an event handler to an HTML element using the event delegation approach.

We are currently using a combination of the Firebug\(^5\) and NetExport\(^6\) extensions of the Firefox Web browser in order to retrieve all the JavaScript files that are requested from the server when a page is loaded. Then we analyze all the JavaScript source code in search for patterns similar to the ones presented on Figure 5.3.

### 5.3.2 Event Analyzer

After using both the DOM analyzer and event detection components we analyze the events by extracting the relevant JavaScript code from the event handlers and then creating an Abstract Syntax Tree (AST). In order to do this we use Mozilla’s Rhino\(^7\) to parse the JavaScript source code and generate the AST.

The code is analyzed to identify the statements that affect control flow.

---

\(^5\)http://getfirebug.com/ (last accessed: February 1, 2014)

\(^6\)http://www.softwareishard.com/blog/netexport/ (last accessed: February 1, 2014)

\(^7\)https://developer.mozilla.org/en-US/docs/Mozilla/Projects/Rhino (last accessed: February 1, 2014)
relevant constructs are: ifs/elses, ternary operators, and while/for loops. Moreover, it is also necessary to analyze the variables used in those constructs.

We classified the variables into seven categories: constants, element variables (include input variables and static variables), synthesized variables, object variables, global variables, control flow variables and hybrid variables. The variables definition is detailed in Section 4.2.9.

It is also important to notice that our analysis is focusing only on events associated with visible elements. While the depth of analysis is customizable (that is, as long as they are available in the browser, it is possible to configure the tool to analyze the source code of the functions called from the event handlers, and the ones called from those, etc.), in what follows we will only be analyzing the event handlers up to a depth of one. If an event handler has several function calls, we are also going to analyze those functions (if those functions are available), but not the functions called by them. This happens because the goal of this analysis is to evaluate how much information about control flow we can access, analyzing as few JavaScript as possible.

5.4 Top Sites analysis

In this section we describe how the tool briefly described above was used to investigate how much control logic information might be possible to extract from event handlers. As already explained, the goal is to assess the viability of developing an hybrid approach to the reverse engineering of Web applications.

5.4.1 Scope of the analysis

Since the approach we have developed is fully automated, we could define any number of Websites for analysis. We decided to focus our analysis on the most popular Websites globally, thus we used the Alex top Websites list. Our analysis covered the first one thousand sites on that list. The analysis was performed on the 26th of February, 2014.

It is important to note that in order for the analysis to be automated we had to bypass several errors that could occur analyzing these applications. For example, one important problem we had was that some sites could never finish the page loading. This problem was unrelated to our tool, since opening
those sites on different Web browsers, no matter how much time we waited
the page would never finish loading. When this happens we cannot extract any
information from the page. In order to overcome the application being set on
a loop waiting for the loading we set a timeout of one minute for each analy-
sis. The final result showed that forty five of the one thousand sites could not
finish loading in the minute we set. This means that almost five percent of our
analysis scope has no data gathered because of this problem.

Another problem we had in many sites was that while analyzing the event
handlers source code, we got JavaScript parsing errors. In these cases we
skipped only those handlers analysis. At this point we could not identify if the
malformed JavaScript was coded on purpose, to prevent third party analysis
such as this one, or were simply coding errors.

5.4.2 Data Analysis

We decided to group the criteria into two groups, one with the data on events
and constructs, and the other with the data on variables. The event delegation
criterion is going to be treated independently of the other criteria since is the
only one with a boolean as a result and not a number.

Table 5.1 shows a summary of the results we obtained from the analysis
of the one thousand sites. Something we can immediately gather, from the
table by analyzing the maximum value in comparison with the mean and the
median, is that there clearly exist outliers in the data. Moreover, we can see
that the data is quite disperse, by comparing the standard deviation values with
the mean values.

In terms of hrefs, and discounting the 4.5% of sites that were not processed,
numbers show that only around 2% of the analyzed pages that did not use any
type of hrefs. This means that the wide majority of Websites still uses hrefs
for navigation between pages. This was, of course, to be expected, but shows
that the reverse engineering tool should not be restricted to single page Web
applications, and consider also navigation between pages.

The analysis of the event handlers shows that only approximately 22% of
sites did not have any event we could find. Moreover, when restricting the
events to only clicks we get a 46.5% in total of sites without any click event.
That means that there were approximately 25% of sites that had events we
5.4. Top Sites analysis

<table>
<thead>
<tr>
<th>Events and control-flow constructs</th>
<th>Mean</th>
<th>Standard Deviation</th>
<th>Median</th>
<th>Maximum value</th>
<th>Percentage of zeros</th>
<th>Mean excluding zeros</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>hrefs</td>
<td>214.09</td>
<td>301.28</td>
<td>104</td>
<td>3349</td>
<td>6.4</td>
<td>228.73</td>
</tr>
<tr>
<td>Events</td>
<td>26.57</td>
<td>74.78</td>
<td>5</td>
<td>902</td>
<td>21.8</td>
<td>33.98</td>
</tr>
<tr>
<td>Click Events</td>
<td>18.53</td>
<td>68.19</td>
<td>1</td>
<td>887</td>
<td>46.5</td>
<td>34.63</td>
</tr>
<tr>
<td>Ifs</td>
<td>40.26</td>
<td>153.71</td>
<td>3</td>
<td>2109</td>
<td>34.8</td>
<td>61.74</td>
</tr>
<tr>
<td>Other Control Flow Constructs</td>
<td>40.34</td>
<td>153.71</td>
<td>3</td>
<td>2109</td>
<td>34.6</td>
<td>61.68</td>
</tr>
<tr>
<td>Function Calls</td>
<td>116.96</td>
<td>412.49</td>
<td>9</td>
<td>5121</td>
<td>31</td>
<td>169.51</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Table 5.1: Events and control-flow constructs

could detect but none of those events were clicks. Also, having a mean of around 26.57 events found per site from which 18.53 are clickable events shows that an analysis based on this type of events would have an important impact on the Web overall.

In terms of control flow structures the data we gathered showed an interesting result. The usage of if constructs is almost identical to use of the other control flows constructs. We were expecting a lot more usage of ifs than the other constructs but that was not the case in this analysis. One hypothesis is that since these are the most popular sites globally, most source code is done with performance and space constraints and a significant part of those other constructs are ternary conditional operators.

Regarding these criteria global values, finding an average of 80 control flow constructs per site with an analysis using a depth of one function call only is quite significant for our approach. Obviously, we must also take into consideration that around 35% of sites had no construct at all. We can only assume that either no logic was present on the client side, or that the event delegation approach was being used.

Concerning function calls, we found an average of 111.96 function calls per site, only on the subset of source code we were analyzing. This shows that there is a significant amount of other source code that is not analyzed in our approach. Moreover, considering those function calls might have other
Table 5.2: Variables comparison

<table>
<thead>
<tr>
<th>Element</th>
<th>Synthesized</th>
<th>Object</th>
<th>Global</th>
<th>Control Flow</th>
<th>Hybrid</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Mean</td>
<td>0.98</td>
<td>15.09</td>
<td>16.96</td>
<td>29.66</td>
<td>4.98</td>
</tr>
<tr>
<td>Standard Deviation</td>
<td>4.83</td>
<td>79.40</td>
<td>84.28</td>
<td>142.37</td>
<td>45.48</td>
</tr>
<tr>
<td>Median</td>
<td>0</td>
<td>0</td>
<td>1</td>
<td>1</td>
<td>0</td>
</tr>
<tr>
<td>Maximum value</td>
<td>49</td>
<td>1008</td>
<td>1830</td>
<td>2520</td>
<td>1155</td>
</tr>
<tr>
<td>Percentage of zeros</td>
<td>89.2</td>
<td>65.0</td>
<td>44.4</td>
<td>48.6</td>
<td>86.7</td>
</tr>
<tr>
<td>Mean excluding zeros</td>
<td>9.1</td>
<td>43.11</td>
<td>30.49</td>
<td>57.7</td>
<td>37.41</td>
</tr>
</tbody>
</table>

function calls and so on, that is even more significant. It is also important to notice that most JavaScript code obfuscation techniques increase the number of function calls significantly to hide the logic behind the code (Schrittwieser and Katzenbeisser, 2011). Thus, even an increase in our analysis to a depth of 5 or more function calls might not retrieve interesting results, despite the added computational load.

Table 5.2 depicts a summary of the data we gathered about our analysis of variables on the source code. Element variables were not found in 89.2% of the sites. This was something we were expecting since not only there are a lot of different frameworks in JavaScript, but also there are several ways to shorten the usage of `document.getElementById`. For instance, by wrapping those calls inside auxiliary functions:

```javascript
function getId(id){
    return document.getElementById(id);
}
```

Nevertheless, about 10% the most popular sites use this construct unaltered to get elements on their event handlers. Also interesting is that excluding the sites with no variables of this type found, we got an average of 9 element variables found.

In terms of synthesized variables, they were found in 35% of sites and ex-
cluding zeros we got an average of 43.11 variables found. It is interesting, however, that the number of sites where these variables were found is quite lower than what we were expecting, particularly when comparing with object and global variables whose results were higher. Thus, most sites are not currently using these variables, which means that they might be using functional references on variables, which we are currently interpreting as object variables.

This conclusion is important because it means that we have to analyze each object variable of our analysis to see if the type of that variable is or not a function. Although this might lead to a lot more computation, this statistical analysis showed us that it is important for us to do add this feature.

Both object and global variables were found in most sites. In fact, if we exclude the 35% of sites where no control flow constructs were found, thus no analysis of variables was performed, only around 10% of sites were analyzed and got none of these variables. It is also interesting that the type of variable that clearly got more matches in our analysis was the global.

Both control flow and hybrid variables were found in a significantly smaller number than other types of variables excluding element variables. Since handling these variables is quite more complex than the others, these results were promising to our approach. Moreover, the hybrid variables were clearly the ones that were identified less in our analysis.

In terms of event delegation we identified 30.6% of sites that were using this approach for adding event handlers. It was also interesting and something unexpected, that most of these sites also had click events that we were able to identify. Thus, there are a significant number of sites that use both approaches for adding event handlers.

5.5 Summary

This analysis enabled us to retrieve useful information towards our goal of developing an hybrid tool for the reverse engineering of Web applications. For instance, an analysis of the two approaches of adding event handlers to a page as discussed in Section 5.2 shows that the classic approach is widely used, since we got results in approximately 78% of sites while the event delegation just appeared on approximately 30% of sites. Therefore, a tool that reverse
engineers sites based on the classic approach would work on the majority of Websites.

Another important result is that the amount of if constructs used in the source code we analyzed is similar to the amount of other control flow constructs. This means that if our analysis focus only on ifs we would be analyzing only half the constructs that affect the control flow of the application.

In terms of our variable's analysis we infer that both control flow and hybrid variables are used significantly less than other types of variables, thus the added computational logic we would need to handle these variables might not compensate. Furthermore, we were expecting more synthesized variables than what we found, this mean we must further inspect object variables to identify if they are functions.
Chapter 6

FREIA Implementation

Previously we proposed a generic hybrid approach for the reverse engineering of Internet applications and analyzed if such an approach could be viable. In this chapter we present a reference implementation to the development of a tool following the approach, explaining the implementation of each component of the framework. There are two new components which are specific to this particular implementation: the interface model generation component, which handles the different outputs the tool produces, and the profiler which is used to profile the JavaScript code execution.

6.1 Web Test Automation

The framework uses Selenium WebDriver as the framework to create the instances of the Web browsers so that we can afterwards analyze and interact with the Web application. Moreover, we are able to customize our analysis both in terms of using different Web browsers but also different browser setups. For instance, in our prototype we currently have the option for a Google Chrome browser, a Firefox browser with the Firebug extension enabled by default and a Firefox browser with Firebug, ConsoleExport and NetExport extensions enabled. This last option is used both for extracting all the JavaScript in the page, as discussed in Section 5.3.1, and for profiling the JavaScript executed when an event was triggered (cf. Section 6.7).
6.2 State Machine

The data we infer about the interface (both behavioral and structural data) is stored in a Finite State Machine (FSM). The FSM is represented by a State Flow Graph similar to those used by Mesbah et al. (2008). There are however some differences, we define our state graph as a tuple \( <r, V, E> \) where:

- \( r \) represents the initial state, that is the first state we get when we successfully load a Web Page in the browser.
- \( V \) is the finite set of vertices. Each vertex is used to represent a different GUI state of the Web Application.
- \( E \) is the set of edges between vertices. Our edges are composed by the event that trigger the change between two states and by the input data that was used in that event. The input data comprehends both the input values used in input elements in the application and the instrumented source code of the triggered element.

This data structure was defined in the Java programming language using JGraphT\(^1\), a free Java Graph library, as a `DirectedGraph<StateNode, EventEdge>`. Moreover, we are currently using JGraphx\(^2\), an open source Java graph visualization and layout component, in order to view our state machine.

`StateNode` is the class that contains the relevant information about each state of the application and `EventEdge` contains the information regarding inputs and the event triggered to go from a state to another. Figure 6.1 depicts a class diagram of these three classes with only their attributes specified.

A state is composed of an identifier, the URL of the Web page where the state was identified, three different versions of the DOM of that page, the list of events discovered, the list of clickable elements to be tested and the list of inputs and events used to discover that state. The identifier is a number since our target is Web applications, having the page name as the identifier is not feasible because we can have different states in the same page. However, if we were analyzing our own applications it could be attainable to have identifiers.

\(^1\)http://jgrapht.org/ (last accessed: February 1, 2014)
\(^2\)http://www.jgraph.com/ (last accessed: February 1, 2014)
for each frame as long as some function to detect those identifiers was hard
coded, and that each frame could only have one state.

A state also has information about the URL where the state was analyzed. It
is important to keep the URL because it allow us to save resources by skipping
the analysis of external pages. Therefore, for each new page we analyze if the
page is in a different domain than the target application, we do not analyze that
page, and just create a new state with a new identifier and the correspondent
page URL.

StateMachine contains the original DOM of the Web page we get using the
Selenium Driver `getPageSource()` function. This DOM is represented by the
pageSourceDom attribute in the class diagram. However, pageSourceDom does
not contain the information about attributes that are being defined in the CSS.
One particular important aspect of this is that we can not discover if elements
that are being set to invisible in the CSS are hidden using that DOM.

Our solution to this problem was do inject JavaScript into the browser to
find for each DOM element, given a set of attributes, if those attributes are
being defined, and append that information to the DOM. This will be further
explained in the DOM analyzer component in Section 6.4.1. Thus, our StateN-
ode class also contains a custom DOM with those added attributes information, represented as the `dom` attribute in the class diagram. Moreover, since most of the analysis we perform are on the visible elements we also keep a DOM with only these elements, defined as `visibleDom` in the class diagram.

We also have the feature of allowing the user to specify a set of tags that can be considered possible elements that can be clicked. The `clickElements` attribute corresponds to these elements without the elements present in the events attributes. For example if we define that all button tags are elements that can be clicked, all the button tags on a page that were not found to have behavior code associated with them by Visual Event are gathered in the `clickElements` list.

The last attribute of StateNode class in the class diagram is called inputs and corresponds to a list of all the inputs and their respective events that were used to get to that state. This attribute is just used for debugging purposes, because this information is also present on the edges of the state machine.

The EventEdge class is composed by just a number identifier and a list of inputs and events that were used to trigger the change in the Web Page. This is a list because the same edge between two states can be obtained through different events. Moreover, we can have multiple inputs causing the same behavior in the Web application.

### 6.3 Controller

The Controller is responsible for the process of dynamically exploring the interface. As defined in Chapter 4, it has three components: Crawler, ReachState and Trigger Event.

#### 6.3.1 Crawler

The Crawler enables us to browse through the Web application. Its behavior is represented by the activity diagram in Figure 6.2. It starts by requesting an analysis on the current page, thus calling both the DOM Analyzer and the Event Detection components. It then adds the data gathered into the first state in our State Machine.

Afterwards the behavior of the crawler depends on the data gathered. If the current state of the application has events not yet visited, it triggers those
events and requests a new page analysis.

![Crawler activity diagram](image)

Figure 6.2: Crawler activity diagram

However, if all events in the current state are visited it searches for events still not visited in other states in the State Machine. If events are found we call the Reach State component to try to reach that state, otherwise we end our analysis.

We also implemented a threshold for the maximum number of states in the state machine. This enable us to control if we want to stop our analysis when we discovered a certain amount of states in the application.

### 6.3.2 Reach State

The Reach State component is responsible for trying to return to a given state in our State Machine. There are several options for us to return to a state (see Section 4.2.4), which depend upon our ability to reset the application's state and the time it takes to reach a state. For instance, in our Contacts Agenda application (see Section 7.1), resetting the application would mean to clean the database in order for the application to have the exact same contacts in all
the accounts. In case the application’s state is also somehow determined by the
date/time, we would have to also be able to set our analysis to start at the same
date/time.

In both approaches we have to cope with what to do in case the application
somehow returns to a different state. One thing that we found had good
results was to check if that state exists in our state machine. In case it does
we add that edge to the state machine and calculate a new shortest path from
that state to the state we want to reach. Obviously there must be thresholds
in the algorithm or we could incur in infinite loops. This solution was partic-
ularly good in the Contacts Agenda because when we add a new contact to
the agenda, we are never able to return to the previous Mainform frame since
it would now always have another element in the list. Obviously that using a
more abstract comparison of states, as discussed in Section 4.2.6, would also
solve this problem.

![Figure 6.3: Reach state activity diagram](image)

In our current prototype we are using both approaches, the activity diagram
in Figure 6.3 depicts the algorithm we are currently using. We have a threshold
for number of tries and while we do not reach that threshold we try to get to the
target state from the current state of the application. If we reach the threshold
we then reset the application by opening a new web browser instance. There
can be situations where event that reset would not enable us to reach the state
6.3. Controller

and if that happens we simply consider the state to be unreachable.

6.3.3 Trigger Event

The analysis of the source code of the event handlers enables the classification of the variables in the control flow structures in input or complex and then the input generator is used to create tests for both types of variables. Afterwards, we must use those values and test them on the application, which is the task of this component.

For the input variables found we just locate the element on the page using its XPATH and then fill the inputs before triggering the correspondent event. For the complex variables found, the process is described in the remainder of this section.

For each complex variable the framework instruments the source code to add those values before the control flow construct. For instance, in the case illustrated in Figure 4.1, if we decide to test the variable with value 5, we will have a new source code as depicted in Figure 6.4.

```javascript
function f(){
    var a = document.getElementById('a');
    if(a>0){ ... }
    var b = server_call();
    var b = 5;
    if(b>0){ ... }
}
```

Figure 6.4: Instrumented source code

Subsequently, we recreate the JavaScript function (as illustrated above) in order to set the target variable to the generated value before the conditional statement. At this point we are using the following source code:

```javascript
"var " + variableName + "=" + generatedValue + ";"
```

Thus, the end result is an instrumentation as seen in line 5 in Figure 6.4, where we set the variable to a value before the conditional statement.

Once we have the instrumented source code, we need to add it to the Web application. Here the solution is two fold. If we have access to the server of the
Web application, we find the corresponding JavaScript source code and change the original JavaScript function to the new one. However, if we are analyzing third party software, and thus have no access to the server files, we change the event handler function name to a new one and then add the function as a new script to the HTML.

```html
<script type="text/javascript" class="instrumentedJS">
  function f2(){
    var a = document.getElementById('a');
    if(a>0){ ... }
    var b = server_call();
    var b = 5;
    if(b>0){ ... }
  }
</script>
```

Figure 6.5: Injected HTML code

An example of the HTML code added to the header is depicted in Figure 6.5. In this example, the function name is being changed by adding the number 2 at the end of the function name. It is also important to notice that we must set the class of the script tag to a custom name, in this case "instrumentedJS". This happens because after the instrumentation listener is triggered we must be able to remove the script we instrumented. It is necessary to set the page as it was previously or we could have problems in identifying different states of the same page, simply because they have instrumented values. Finally, the event listener is triggered.

While testing the framework in applications we also discovered the instrumentations we perform might trigger JavaScript errors which indicate there was some problem in the JavaScript coding. See Section 7.1.3 for an example where such an error was found. Hence, since our framework aims at analyzing as many pages as possible it also includes a feature to detect errors after triggering the events. Since we intend to analyze the errors that appear only after the events, page loading errors are irrelevant.

Therefore, we inject the JavaScript code depicted in Figure 6.6 into each page we analyze. After each event is triggered we inspect the variable `window.jsErrors` to analyze if there were any JavaScript errors in the page.
The Page Analyzer is responsible for the retrieving information from the Web pages. As described previously in Chapter 4, it has two components: DOM Analyzer and Event Detection.

**6.4.1 DOM Analyzer**

The DOM Analyzer component is responsible for analyzing Web pages in terms of their DOMs. It starts by using a parser to parse the HTML we get using the `getPageSource` function from the Selenium driver API. The open source cleaner
called HTML Cleaner\textsuperscript{3} is being used as the HTML parser and also to avoid malformed HTML.

There is also need to be able to discern which HTML elements are visible or not. In order to do this, we are using jQuery \texttt{find(’:hidden’)} function. Therefore, in every application we analyze we must inject the jQuery library for this analysis. Figure 6.8 shows the Java source code used to do this injection.

\begin{verbatim}
public static void loadJQuery (WebDriver driver) throws IOException {
    URL jUrl = Resources.getResource("jquery-2.1.0.min.js");
    String jqueryText = Resources.toString(jUrl,Charsets.UTF_8);
    JavascriptExecutor js = (JavascriptExecutor) driver;
    js.executeScript(jqueryText);
}
\end{verbatim}

Figure 6.8: jQuery injection in the Web page

However, for the HTML \texttt{option} tag the jQuery function seems to only be working in Firefox. In the other browsers instances of this tag are always considered invisible. At this point we tested the following versions of jQuery: 1.8.3, 1.10.1, 1.9.1, 2.0.2, 2.1.0. Since we have the goal for our tool to not be confined to a single Web browser, for the option tags only we analyze their CSS to infer if they are visible or invisible.

The JavaScript code we inject in the pages we are analyzing is depicted in Figure 6.9. In case the jQuery function was working as intended, lines 3 to 7 could be removed. Notice we are not using the dollar sign which is common in jQuery applications since the target applications we are analyzing could have other JavaScript frameworks that also use the dollar sign and then we would have compatibility issues.

After the entire analysis we create a new DOM with a custom attribute added called "\texttt{hiddenNode}" defining for all elements if they are visible or not.

Moreover, we also create another DOM that contains only the visible elements in the Web Page. This DOM is added just for performance gains since the information is already present in the custom DOM with the \texttt{hiddenNode}

\textsuperscript{3}http://htmlcleaner.sourceforge.net/ (last accessed: February 1, 2014)
6.4. Page Analyzer

```javascript
var hiddenEls = jQuery('body').find(':hidden').not('script, option');
var options = jQuery('option').get();
jQuery.each(options, function(i, val){
    if(jQuery(val).css('display') === 'none') {
        hiddenEls.push(val);
    }
});
var xPathList = [];
for (var i=0; i < hiddenEls.length; i++){
    xPathList.push(getElementXPath(hiddenEls[i]));
}
return xPathList;
```

Figure 6.9: JavaScript code to detect hidden elements

attributes. All these three DOMs are used to create a StateNode.

We also have the option for the user to define a set of tags that are going to be used for testing. We define a set of tags and the type attributes, if they are applicable, to define the elements considered suitable for being clicked. For example, by default we consider a, button and select tags. The input tags are being added only with the type attribute submit, radio or button. Thus, this component is also responsible for adding the elements found with these tags to the clickElements list defined in the StateNode class. These elements are only going to be tested without analysis if their event handlers were not detected by our Event Detection component described in the following Section.

### 6.4.2 Event Detection

In order to retrieve the event handlers we use an open source software called Visual Event[^1] which is able to parse several JavaScript libraries and retrieve the event handlers. It currently works with the following libraries:

- DOM 0 events
- jQuery 1.2+

• YUI 2
• MooTools 1.2+
• Prototype 1.6+
• Glow
• ExtJS 4.0.x

Another advantage of Visual Event is that if we are analyzing a Web site which uses a different library from those supported, we just need to add a new parser to the tool for that library. The code we use to load Visual Event is similar to the one used to load jQuery depicted in Figure 6.8. We are currently injecting the JavaScript depicted in Figure 6.10 in the application in order to retrieve the events.

```javascript
var visualEvent = new VisualEvent();
var events = visualEvent._eventsLoad();
var res = 'Fail';
if(events){
    var eventsXPath = [];
    for(var i=0, len=events.length; i < len; i++){
        var eventXPath = {};
        eventXPath.node = getElementXPath(events[i].node);
        eventXPath.listeners = events[i].listeners;
        eventsXPath.push(eventXPath);
    }
    res = JSON.stringify(eventsXPath);
}
visualEvent.close();
return res;
```

Figure 6.10: JavaScript code to retrieve events

After creating a new VisualEvent instance in line 1, we then retrieve the events on the page using the eventsLoad method. Afterwards we extract the XPath of each element found and the respective listener and put all in JSON format. Then using Java we have to parse the resulting JSON and create the list of events we then use in our StateNode class, referred to as events in Section 6.2.
6.5 Data Processing

The Data Processing is responsible for the analysis we perform on the data gathered. As defined in Chapter 4, it is composed by three components: State Comparison, Event Analyzer and Input Generator.

6.5.1 State Comparison

As discussed before, our states are defined in terms of DOMs, which are instances of XML documents. Therefore, our framework uses an open source library called XMLUnit\(^5\) to compare the DOMs. Specifically we are using the DetailedDiff class of that library, which compares two documents and retrieves all the differences found. Similar pages in terms of their UI can have little differences, such as the same attributes being in a different order, or the whitespace between the attributes being different, for instance, this can happen if the page is dynamically generated through JavaScript. Thus, we have set the comparison to ignore the whitespace and the attribute order, since both are not relevant for us to consider two documents not similar.

As discussed in Section 4.2.6 the comparison we use has a huge impact in terms of the abstraction of our analysis of the application. Therefore, we currently have a configuration class that enable the user to change the type of comparison that is being made.

![Config class diagram](http://xmlunit.sourceforge.net/)

Figure 6.11: Config class diagram

Figure 6.11 depicts the attributes we use in our configuration class. The first attribute, profileName, is the only one not related to the comparison of states.

\(^5\)http://xmlunit.sourceforge.net/ (last accessed: February 1, 2014)
Is is being used to define the name of the file we are using as a log for profiling in case profiling is enabled.

The second attribute, `differencesThreshold`, sets a threshold for the number of differences that can exist between two documents in order two consider them similar documents. As explained before, using DetailedDiff we get all the differences between two documents, thus calculating this attribute is straightforward.

Since having a number of differences determining the similarity between two documents could be misleading depending on the size and type of target application being analyzed, we also defined a threshold called `similarityPercentage`. This attribute is currently mutually exclusive to the `differencesThreshold` attribute, being that if both are set at the same time, only the `differencesThreshold` is used. We calculate the similarity percentage from the number of nodes in the first document. For instance, comparing a document with 100 nodes with another one with a `similarityPercentage` of 90% means we can have the maximum of 10 differences or both would be considered not similar.

The `comparisonMethod` attribute can be one of the following values:

- **ALL** - Compares the entire DOM tree.
- **NOATTRIBS** - Compares the DOM without the attributes
- **NOCONTENTS** - Compares the DOM tree without the contents
- **ONLYTAGS** - Compares only the tags

For instance, if we choose the NOATTRIBS method, before using the comparison class, we parse both documents being compared and remove all the attributes in those documents.

Finally, the `onlyVisibleTags` attribute defines, as the name suggests, if we want to compare only the visible elements or the entire tree. This can be used simultaneously with the comparison method to change the abstraction level of the model produced by the analysis. As detailed in Section 6.2 we keep both the full DOM or the DOM with only the visible elements, thus this attribute just defines which one is going to be used in the comparison.

The parameters are defined in the Class constructor. Thus, for example, if we define our configuration class with the following code, we would be con-
sidering two pages to be similar if they were 90% similar in terms of just their visible tags.

```java
Config config = new Config(null, 0, 90,
ComparisonMethod.ONLYTAGS, true);
```

### 6.5.2 Event Analyzer

After extracting the relevant JavaScript code from the event handlers, we create an Abstract Syntax Tree (AST). In order to do this we use Mozilla’s Rhino\(^6\) to parse the JavaScript source code and generate the AST.

As discussed in Section 4.2.9 and implemented in 5.3.2 we are able to classify variables between a great variety of categories. However, in terms of how our tool handles them we only divide them into two groups. This happens because we handle input variables by sending values to the input elements in the page and all the other variables by instrumenting the source code. The two variables groups are:

- **Input variables** - corresponds to variables we are able to identify that a user is capable of manipulating.

- **Complex variables** - corresponds to all the other variables defined in Section 5.3.2 except constants since they are of no interest to our analysis.

Algorithm 1 is a pseudocode description of the algorithm we use for extracting the variables into these two types.

We start by retrieving all control flow elements from the JavaScript source code. For each of them we analyze all the nodes that are present. Then we find which of the nodes are of type `NAME`, which corresponds to identifiers that are not a keyword. For each `NAME` node we analyze if its parent node is of type `GETPROP`, this type corresponds to the composition operator which in JavaScript is the `'.'` character. If it does not it means the name corresponds to the variable under analysis therefore we consider it a simple variable and add it to the `simpleVars` list. In case the parent is the composition operator we keep analyzing the parents in the tree until we get a parent which is not

Algorithm 1 Variable analysis algorithm

1: procedure VARANALYSIS(sourceCodeAST)
2:     controlFlowElements ← AnalyzeElements(sourceCodeAST)
3:     for all element ∈ controlFlowElements do
4:         if element.type = NAME then
5:             parent ← getParent(element)
6:             if parent.type ≠ GETPROP then
7:                 simpleVars.add(element)
8:         else
9:             complexVar ← getComplexVar(element)
10:            if complexVars not contains complexVar then
11:                complexVars.add(complexVar)
12:        end if
13:    end if
14: end for
15: return simpleVars, complexVars
16: end procedure

the composition operator and then we consider that element to be a complex variable. In this situation however, we then must check if we had not already obtained that variable before adding it to the complexVars list.

Algorithm 1 shows only the analysis we perform on each control flow structure. What we called simple variables in the algorithm are not the same as the input variables. As discussed in Section 4.2.9 we must analyze the previous assignments in the source code to identify the variable. Therefore, after that first analysis, for each simple variable we are going to analyze the source code for their assignments and are considering only those assignments that can influence the value of the variable at the condition. Consider the following example:

```
var b = getServerData();
b = document.getElementById('id');
b = b + 5;
if(b>0){...}
```

In the previous code we start our analysis with Algorithm 1 on the condition in line 4. The result is the simple variable (b). Then we analyze the previous
6.5. Data Processing

assignments. We start with line 3, here we see that the variable is the result of a sum between that variable and a number. Therefore we have to also analyze the previous assignment which is in line 2, where we see that the variable corresponds to getting an element on the page. After exploration of that element we find we can interact with it, therefore we consider the variable an input variable. Notice that since line 2 is a new variable assignment, and the variable is not referred we do not analyze line 1.

6.5.3 Input Generator

After we extract the control flow structures and their variables, we must then generate values for those variables, which is the task of the input generator component. Currently our input generator is capable of solving standard relational operators, such as: equal to, greater than, etc. The constraint solver works than based on the type of the variables, being able to work with both numbers and strings. Moreover, we currently have implemented the ability to solve the JavaScript string length function, and JavaScript string concatenations. In terms of numbers, if nothing is specified in the condition we generate a random value between -100 and 100. For strings if no length is specified in the condition we test random strings composed between 1 and 5 characters.

The input generator also creates the source code statement in case the test implies an instrumentation. Here the only different is that if the variable is what we classified as complex we have to remove the "var" from the declaration.

```javascript
1 var b = 5;
2 c.attrib = 5;
3 if(b>0 && c.attrib>0){...}
```

For instance, in the previous source code, if we placed the `var` declaration in the variable instrumentation in line 2, we would have a JavaScript error. However, if we did not place the `var` declaration in the instrumentation, on line 1 we could also have an error if the variable was not declared previously.
6.6 Interface Model Generation

Our prototype is currently exporting the state machine using State Charts extensible Markup Language (SCXML)\(^7\) a state machine notation based on XML (Barnett et al., 2014).

In order to create the SCXML we have, for each state, to create a state node, and then we retrieve all the outgoing edges from the state and create the transition nodes. Afterwards, we add additional tags and attributes to represent the instrumentation and the inputs we send in each transition.

For example, suppose we have a Web page that has a single text box and a single button with the following event handler:

```javascript
b = document.getElementById('id');
if(b>0) { // go to page 2}
if(c>0) { // go to page 3}
```

In line 2 we can identify variable \(b\) as an element variable therefore we would test it by adding values for passing and failing the condition with for example -2 and 2. Variable \(c\) in line 3 however, we are not able to discern where it comes from. Therefore, we have to instrument the source code to test it. As an example, the real application uses random numbers, suppose that the values being tested are also -2 and 2. The resulting state machine we would visualize is depicted in Figure 6.12.

Our tool would then generate the SCXML code depicted in Figure 6.13. The initial attribute in line 2 identifies where the state machine starts. Afterwards, lines 5-10 correspond to filling the textbox with the -2 value. We identify the inputs by their XPATH. Lines 11-16 correspond to filling the textbox with the 2 value, notice that we represent a transition to another state with the \(\text{next}\) attribute on the transition node. Lines 17-20 correspond to the first instrumentation test, where the value -2 is instrumented to the variable \(c\) and lines 20-24 are the instrumentation of the value 2. Notice we keep track of the conditions of the variables being tested in both filling the inputs, and instrumentation situations.

Besides the SCXML model, we also generate a folder with the DOM files

\(^7\)http://www.w3.org/TR/scxml/ (last accessed: February 1, 2014)
associated to which state discovered. Moreover, we also create a screenshot of the page for each state discovered. For example, for the state machine depicted in Figure 6.12, the framework creates a folder with three XML files and three images.

Figure 6.14 depicts an excerpt of the source code used to take a screenshot. Lines 1-2 correspond to using the TakeScreenshot functionality of Selenium. However, how the screenshot is taken depends on the Web browser being used. For instance, in Firefox, the process creates a div around the application under analysis and the screenshot is taken on that div. Obviously, such div creation would interfere with our state comparison. Thus, lines 3-6 have to be used to remove that div from the page. In contrast, in Chrome there are no new elements added to the page. In Chrome the screenshots have the size of the browser’s window. This makes that Chrome screenshots are different in terms of size than Firefox screenshots.

6.7 Profiler

Since there are events whose event handlers Visual Event is not able to detect, we decided to implement a profiler to analyze the JavaScript code that is being executed when we trigger one of those events. The profiler requires the Web browser to be Firefox. This happens because we use a combination of two
Figure 6.13: SCXML example source code

Firefox extensions during the process: Firebug and Console Export\(^8\). Console Export is a Firebug extension, that allows to export the logs from Firebug’s console panel. However, notice the Console Export extension we are using is a version we modified. This happens because we needed to export to a file the data retrieved by Firebug when we stopped profiling and this was not supported.

We set both Firefox extensions with the preferences depicted in Figure 6.15. In lines 4-5, Firebug and Console Export are set to enabled in all the pages. Line 6 sets the panel to be enabled in Firebug to be the console panel. Lines 7-8 enable both scripts and consoles in Firebug and lines 10-11 set the name of the file we are using to store the profiling information, this is initially defined in our Config class (see Section 6.5.1).

\(^8\)http://www.softwareishard.com/blog/consoleexport/ (last accessed: February 1, 2014)
6.7. Profiler

```java
File scrFile = ((TakesScreenshot) driver).getScreenshotAs(OutputType.FILE);
JavascriptExecutor js = (JavascriptExecutor) driver;
js.executeScript("var fxSS = document.getElementById('fxdriver-screenshot-canvas');
if(fxSS != null){
+fxSS.parentNode.removeChild(fxSS);}");
```

Figure 6.14: Screenshot source code

```java
FirefoxProfile profile = new FirefoxProfile();
//...
String domain = "extensions.firebug."
profile.setPreference(domain+"allPagesActivation","on");
profile.setPreference(domain+"consoleexport.active",true);
profile.setPreference(domain+"defaultPanelName","console");
profile.setPreference(domain+"script.enableSites",true);
profile.setPreference(domain+"console.enableSites",true);
profile.setPreference(domain+"consoleexport.logFilePath",currentDir.getCanonicalPath());
```

Figure 6.15: Firefox extensions preferences

Afterwards, when we are triggering events, we use the Java code depicted in Figure 6.16. We activate the profiling in line 2, then we trigger the element in line 3 and afterwards we stop the profiling in line 4. With the preferences defined previously, this creates an XML file with all the JavaScript functions that were executed and their execution times. Afterwards, the XML file is analyzed in order to sort the execution times, to see which was the function that was called first.

Although this approach enable us to find which was the JavaScript source code executed when an element was triggered, instrumenting the code with our generated values can be troublesome. For instance, if the function we find is an event delegation function such as an onload on the body tag, setting a new name of that function and assign it to the triggered element on the page could have unforeseeable results.
6.8 Summary

In this chapter we presented how we implemented FREIA. Each component implementation is detailed and two new components, the interface model generation component and the profiler component, that correspond to new features in the application are also described. The next chapter presents examples of applying FREIA to reverse engineer Web applications.
Chapter 7

Case Studies

To better illustrate the Web Applications’ crawling and analysis process this chapter explains how our tool performs in three distinct applications. The applications chosen were the following:

• Contacts Agenda - this application was based on an application previously developed in Java (Silva et al., 2010). We then adapted the application to Ajax. However, the application used in (Silva, 2010) only had the JavaScript for enabling and disabling frames and a basic authentication function, thus only working on the client side. The application used in this analysis is fully functional with a database and all the JavaScript functions, including server side calls, developed.

• Class Manager - this application, which preceded the development of our framework, was originally developed to help teach Ajax technology and was based on an example from Hadlock (2006).

• Neverending Playlist - this is a third party application. We do not have access to its servers and therefore did not change its contents. We chose this application as the example of third party analysis because of the difference in terms of number of states it has depending on the abstraction levels chosen, thus emphasizing several features of our framework.

Therefore the three examples are based on who was the developer if the applications. The first example was an application developed by us with concerns to highlight features of Reverse Engineering tools such as our framework. The second was an application that was developed several years before our research
to which we just added one or two features to make it a bit more complex. The third was an application we found on the Web to which we did not perform any changes.

In all examples we are going to make a comparison between our framework results and the results obtained with the Crawljax (Mesbah et al., 2012) and Artemis (Artzi et al., 2011) tools. We chose these tools for analysis from all the ones presented in Chapter 2 for the following reasons:

- Access - Not all the applications presented were available.
- Communication - We were able to contact the developers of both tools which provided significant aid in their usage and configuration.
- Targets - Both these tools also target Web applications.
- Output - Crawljax also generates state machines. Artemis generates test traces and source code coverage. Therefore, we compare all the paths possible in the state machines created by our framework with the paths explored by Artemis.

The remainder of this chapter explains the three example applications analysis in detail.

### 7.1 Contacts Agenda

The Contacts Agenda is an example of a Rich Internet Application. The client side uses Ajax to enhance the interaction with the user which does not sees any page reloading in the browser since the server calls are made asynchronously. The server side is implemented using PHP as the server side language and MySQL as the database.

The Contacts Agenda application is composed by five frames: the Login frame, the Mainform frame, the Find frame and the Edit frame and the Error frame.

The application starts with the Login frame, which is used for the user's authentication. After successful authentication the application moves into the Mainform frame, which displays an overview of the user's contacts. Contacts are listed either by their email or by their name. From here a user can perform
several actions: he can search for contacts, which will open the *Find* frame or he can add, edit or remove contacts. Adding and editing contacts will open the *Edit* frame. If an error occurs while the user is using the application, the *Error* frame appears stating the problem. Errors include not filling data required in the fields, failed authentications and no results in searching for contacts.

The following is a description of the application’s several frames and the result of the framework analysis on each step.

### 7.1.1 Login

![Login Frame](image)

When the user opens the Web Page, the first thing that appears is the *Login* frame which is depicted in Figure 7.1.

The frame is composed by two input boxes, one for the username and the other for the password, and by two buttons: *Ok* and *Cancel*. Lets assume this initial state is called S1. The *Cancel* button only cleans whatever text was typed in the textboxes, thus clicking it will maintain the application in the same state. Therefore, an analysis at this point would retrieve an initial state machine as depicted in Figure 7.2.

Clicking the *Ok* button leads to three different events: if there is no text in the input boxes we go into an *Error* state declaring that "No text entered". For differentiating purposes error states will be defined with an E, thus we will call this one E1. If both inputs are filled an asynchronous server call, with the authentication data, is sent.
The response from the server will distinguish between wrong authentication data, which would trigger the application into another error state with the following text: "Login failed! Verify user and password" which we will call E2, and correct authentication would make the Mainform frame appear. This information would get us a state machine as depicted in Figure 7.3.

In order to better understand how FREIA works, we will further detail what happens in the Ok button and how the other states are triggered and discovered. The Ok button source code is depicted in Figure 7.4.

When analyzing this source code, the event analyzer component detects two variables, "username" and "password", and both are classified as input variables. Afterwards, the input generator analyzes both variables in the condition and decides it has to generate for both a random String and the empty String.

However, in this particular case of authentications we could test a huge amount of different values and never be able to get a correct authentication pair. Thus, our framework has the feature of allowing the user to manually define input values for chosen elements, we do this by having an external file with the pairs of the element XPATH and the value we want to test. Therefore,
function getMessageResponse()
{
    var username = document.getElementById('name').value;
    var password = document.getElementById('pass').value;
    if(username!="" && password!=""){
       //do assynchronous server request
    }
    else {
        createCustomAlert("No text entered!")
    }
}

Figure 7.4: Login frame Ok button source code

considering the random value string to be 'a' in both variables, and one correct login authentication to be the pair <'john', 'abc'> in the analysis of this button the framework would generate the test cases depicted in Table 7.1.

<table>
<thead>
<tr>
<th>Test Case</th>
<th>Username</th>
<th>Password</th>
<th>Next State</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>1</td>
<td></td>
<td></td>
<td>E1</td>
</tr>
<tr>
<td>2</td>
<td>'a'</td>
<td></td>
<td>E1</td>
</tr>
<tr>
<td>3</td>
<td>'john'</td>
<td></td>
<td>E1</td>
</tr>
<tr>
<td>4</td>
<td></td>
<td>'a'</td>
<td>E1</td>
</tr>
<tr>
<td>5</td>
<td></td>
<td>'abc'</td>
<td>E1</td>
</tr>
<tr>
<td>6</td>
<td>'a'</td>
<td>'a'</td>
<td>E2</td>
</tr>
<tr>
<td>7</td>
<td>'a'</td>
<td>'abc'</td>
<td>E2</td>
</tr>
<tr>
<td>8</td>
<td>'john'</td>
<td>'a'</td>
<td>E2</td>
</tr>
<tr>
<td>9</td>
<td>'john'</td>
<td>'abc'</td>
<td>S2</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Table 7.1: Test cases for the Ok button

It is important to notice that our framework is not solving the logical conjunction but instead testing all possible combinations of the variables. Since we have three values in this case for two variables, we test the button 9 times to cover all the combinations.

Moreover, since the difference between reaching state E2 and S2 is not being defined in the function we are analyzing but in the server side call, without the external values for the authentication we could have not discovered we could reach S2. This shows a limitation of our approach, and in order to solve it we would need to add server side code analysis to our framework. However,
without the source code analysis we might miss finding both E2 and E1.

### 7.1.2 Mainform

The Mainform frame, the main application frame, is depicted in Figure 7.5. It contains the list of contacts associated of the authenticated user. FREIA analysis of the frame discovers it is composed by five buttons: Find, Add and Exit, which are enabled by default, and Edit and Remove which are disabled. The disabled buttons are enabled when a contact is selected on the list.

![Mainform Frame](image)

Figure 7.5: Mainform Frame

By default the frame appears with the email of the contacts. When our framework triggers the Name radio-box the information on the display list changes to show the names of the contacts, thus this will create a new state which we will call S3. Clicking in Name when we are in S3 will return us back to S2. Clicking the Find button will lead us to the Find frame (S4) and clicking the Add button will make the application go to the Edit frame (S5). Moreover, clicking the Exit button will get us back to the Login frame.

Since both S3 and S2 are the Mainform frame but with different contents, they will have the same action transitions. Nevertheless, the framework triggers the events in both S2 and S3. When we select a contact in the list, the framework creates a new state S6 which corresponds at the Mainform frame
having the buttons edit and remove now enabled. Triggering the Edit button in S6 will lead us to the Edit frame (S5) with the contact information filled. The Remove button will remove the contact from the list, thus moving the application to another MainForm frame. In summary, the analysis of this frame by FREIA will produce a state machine similar to the one depicted in Figure 7.6. Although not present in Figure 7.6 for simplification, notice that S6 and S7 will also have the same transitions as S2, namely the Exit, Find, Name and Edit transitions.

As an implementation decision the Edit frame is exactly the same both in case of adding new contacts or editing a contact, being the only difference that editing a contact will open the frame with that contact data retrieved from the database.

7.1.3 Find

The Find frame, depicted in Figure 7.7, enables users to search for contacts in their agenda. FREIA analysis of the frame shows it is composed by a textbox, used for users to input the search data, by two checkboxes, to refine the search
in terms of match case or whole words, and by three buttons: Search, Cancel and Show.

![Find Frame](image)

**Figure 7.7: Find Frame**

When the Cancel button is clicked the application goes back to the Mainform frame, thus no search is performed. The Show button has no logic associated with, thus when it is triggered nothing happens in the application. The Search button works as follows: if no text is present on the textbox it triggers an error state "No text entered", which we will call E3. If there is text on the textbox the application calls a function to search for the contact. The function called depends on the checkboxes. Since there are two checkboxes we have four different functions that can be called, to cover all the possible combinations. The search functions can yield no results which would lead us no another error state informing that there was "No contact found", which we will call E4. If the search function finds a result the application goes back to the Mainform frame with that result highlighted. Considering a result being selected enables both the Edit and Remove buttons, instead of moving back to S2 the application goes to another Mainform state (S4). A subset of the state machine with only the states directly related with the find frame is depicted in Figure 7.8.

Since the search function is more complex than all the others in this application, it is important to show how the framework handles each part of the source code which is depicted in Figure 7.9. The first control flow statement is defined
in line 3, and the framework classifies the $fi$ variable as an input variable, and creates the test for triggering the button with or without a random string filled in the $findInput$ textbox. The empty string test is what enables us to reach state $E3$.

Afterwards in lines 7,9,11 we have conditional structures that use both variables $mc$ and $ww$. The way our framework handles these variables is quite interesting. It analyzes the statements where they are declared, lines 4 and 5. At this point, our prototype is not able to identify the checked attribute, and classify the variables as inputs since we are only detecting textboxes as input elements. Therefore, both variables are classified as complex variables, which means we have to perform source code instrumentation for both. For instance, a instrumentation performed is by adding the following code:

```javascript
1 mc=document.getElementById('matchCase').checked=true;
```

This is interesting because when analyzing the browser in runtime, after we instrument that code, a tick appears in the checkbox. Thus, although not able to understand checkboxes as input controls in the version used, the tool correctly handles them through the instrumentation of the source code. Adding checkboxes as input controls to the framework is simply a process of adding a new form of input that instead of generating values we just have the selected or
function search(){
    var fi = document.getElementById('findInput').value;
    if(fi!=""){
        var mc=document.getElementById('matchCase').checked;
        var ww=document.getElementById('wholeWords').checked;
        var result = -1;
        if (!mc && !ww) {
            result = findContacts(findInput);}
        else if (mc && !ww) {
            result = findContactsMC(findInput);}
        else if (!mc && ww) {
            result = findContactsWW(findInput);}
        else {
            result = findContactsWWMC(findInput);}
        if(result>=0){
            contactsList.options[result].selected=true;
            findExit();}
        else {
            createCustomAlert("No contact found!");}
    }
    else {
        createCustomAlert("No text entered!")
    }
}

Figure 7.9: Search function source code

not selected options. We decided not to include such a feature in the framework so that we can analyze how the framework performs with unsupported widgets.

Another important analysis is performed in line 15. This conditional statement is what defines if there was any result found in the server and selects that result in the contacts list. Since the only previous declaration of the result variable is assigning it to a number, we consider the variable to be complex and have therefore to instrument the variable for both cases. In case we instrument the result variable to a negative number, we discover state E4. The positive number however is where we first discovered the capability of our tool to discover problems in the source code. This happens because any random value we instrumented that was outside of the bounds of the options list would trigger a JavaScript error. For example, a run that instrumented the value 20 produces
a JavaScript error of index out of bounds. If the value was inside the bounds, the application behaved as supposed and we moved back to S2 with the found contacted selected.

This particular situation made us realize that an hybrid approach, besides enabling us to obtain more detailed models, also enables the detection of problems in the code during the crawling process. More specifically, problems due to the conditional expressions not covering the full space of possible values for the variables. Situations like that might happen when programmers assume that values returned by calls to the application’s logic will conform to some (possibly unspecified) condition. For example, assuming that querying some entity by its key will always return a non null value, or assuming that the calculation of some measurement will always return a positive value. In those cases, the (hidden – in the sense that they are not explicitly recorded) assumptions that are being made about the return values mean that testing for null or for negative values might be overlooked.

The presence of hidden assumptions creates two classes of problems, in both cases related to the lack of an explicit formulation of those assumptions. On the one hand, the assumptions, not having been documented and analyzed, might simply be wrong; on the other hand, even if they are correct, the system maintainability is negatively impacted. Since these assumptions are not documented, it becomes more likely that future changes to the application logic might break them.

Thereafter we need to be able to detect these errors when they occur. There can be several forms of detecting the errors. If we are analyzing legacy software, and have previous versions of the models of the target application, we can see if the model created is different from the one that was expected. Otherwise, if the application is being analyzed for the first time, we need to detect the JavaScript errors that occur after triggering the event. This is the reason we implemented the Error detection feature described in Section 6.3.3.

Nevertheless, with such an analysis we are able do discern that the application only moves to S6 if the conditional statement in line 15 is satisfied. Moreover, we also have information that the application moves to E3 if the conditional statement in line 3 fails, that is, the textbox has no value. Therefore, we have a state machine with the same events leading to different states but we have information about the source code control flow structures that were
satisfied or not to reach those states, and the values we used in our analysis, either in input fields or instrumented, to test those control flow structures. This removes much of the ambiguity present in models generated by purely dynamic analysis tools.

7.1.4 Edit

The *Edit* frame enables users to edit a contact in their agenda. The same frame is also used for adding contacts. The only difference is that no data is filled in the textboxes. The frame is depicted in Figure 7.10.

![Edit Frame](image)

Figure 7.10: Edit Frame

The *Edit* frame is composed of five textboxes used for adding the contact information. There was a feature for adding multiple emails using the buttons *Add*, *Edit* and *Remove*, that we decided to disable, because adding, editing and removing contacts are the only operations that will change the state of the application, that is the information of the contacts that is present in the *Mainform* frame. Having another situation that is exactly the same seemed unnecessary and would just be adding more complexity to the models, making their description more complex. The *Edit* frame also contains two buttons *Cancel* and *Ok*.

When FREIA triggers the *Cancel* button the application returns to the previous state, that is, the *Mainform* frame. The *Ok* button first checks if all the fields
were filled. In case there are empty fields, the application goes to an error state notifying the user to "Fill in correctly all required fields", which we will call $E_5$. Otherwise, the application sends an asynchronous server call to add the data to the database. We are using the email as the unique key for each contact, thus if the email already exists in the database instead of adding a new entry we just edit the existing one.

```javascript
function okEdit(){
  // variables declaration
  if(fN!="" && lN!="" && tE!="" && nN!="" && eM!=""){
    // Server side call
  }
  else{
    createCustomAlert("Please fill all fields");
  }
}
```

Figure 7.11: Edit frame Ok button event handler

An excerpt of the Javascript function being executed when the Ok button is pressed is present in Figure 7.11. All five variables in the if condition are interpreted correctly as input variables by our framework, since they all correspond to each of the five textboxes in the edit frame. As discussed previously we analyze every combination of the variables. Therefore, in this case we perform 32 tests. From those 32 tests only one corresponds to all the textboxes filled and thus only one will go to a different state than the error state.

This example also serves the purpose of showing how this analysis can easily deteriorate in terms of time consumption due to the increasingly high number of tests we can have to perform. One possible solution could be to reduce the test cases by just testing either all fields empty or all fields filled. Although, this would work on this example, we might miss states on other applications.

In case all the textboxes are filled, we then create the new contact and add it to the list. Since the list has now one more element our framework perceives it as a different state, we called it $S_6$. There can be situations, where the email added is the same as one already existing in the contacts list, or in case we are editing a contact, that the contacts list remains the same.

Thus clicking the Ok button can either lead us to $S_2$ or $S_6$ in case every
The creation of S6 has several important implications in the subsequent analysis performed by our framework. For example, let’s assume there are still events to test in S5 in the state machine from Figure 7.12. As discussed in Section 6.3.2 the Reach State component would reopen the browser, thus leading us to S1, and then trigger Ok and then Add in order to get to S5. Clicking Ok in S1 at this point however will lead us instead to S6 (because we now have one more contact in the list), and at that point there are no known connections between S6 and S5 since the Add button in S6 was not yet tested. Therefore, we must mark the events in S5 as unreachable and move on with our analysis.

Afterwards, eventually the Add button is tested in S6 and at that point we reset the events in S5 to be tested again. This leads to a problem because since every time we reach a state from a new state we reset its events we now have a non finite state machine since the framework will keep adding contacts and thus we keep adding new states in the state machine. Our solution to this problem was to also have a threshold for the number of times an event is tested. Thus, even if we reset the events on S5, if the event was triggered more times than the threshold, that event will not be triggered again unless for the need of reaching a state.
7.1.5 Error

The Error frame is composed only of a text message stating the error and a confirmation button (Ok). Clicking the Ok button simply returns the application to the previous state. An example of the Error frame is depicted in Figure 7.13.

![Error Frame](image)

Figure 7.13: Error Frame

Instead of an error in a new frame, having an example with an error embedded on the page would produce exactly the same results, since when the error appeared it would be considered as a different state.

This final diagram is composed by eleven states of which five are error states and three are the mainform frame showing different contacts. This shows how important it is for each analysis to have a correct definition of what is a state. For instance, if we ignored all text contents and option lists we would have as a result a state machine with only five states corresponding to the different frames of the contacts agenda application. The state machine of the abstracted analysis of the application is depicted in Figure 7.14.

7.1.6 Crawljax and Artemis comparison

Running Crawljax targetting the Contacts Agenda application produced the state machine depicted in Figure 7.15. Each state in the Figure 7.15 is composed of a name and a screenshot of the page in that current state. Although the last state discovered is called state29 the state machine is composed by 13 states. We can click in each screenshot and the information respective to that state is displayed. This includes the number of interaction elements tested, their XPATH and the state we reach when we trigger those elements.
In order to obtain this state machine, we had to add the correct authentication values to the Crawljax configuration. However, a immediate difference from our tool is that if we add specific input values for fields, no other values are tested on those fields. That means Crawljax misses the two error states that can be reached from the Login frame. Also the Login frame information showed that 16 elements were tested in the initial page, and only one triggered a change which was the Ok button. This showed that Crawljax tried to trigger all the buttons including those that were invisible since they belong to other frames. A Crawljax run without the authentication information specified return two states, the Login frame and the Error frame. The error frame that is found depends the configuration option to use random values. If we choose to use random values, Crawljax never tests the empty cases so it only discovers the "login failed" error. If we choose not to use random values, Crawljax discovers only the "no text entered" error.

The MainForm frame analysis also presents several differences in comparison to our framework. The radio-buttons are not tested by Crawljax. Similar to our framework, the elements on the list are selected, therefore Crawljax is able to trigger both the Remove and the Edit buttons. Nevertheless, the edit button transition does not lead to the add frame and the remove button is a transition from a list with 2 elements to a list with 4 elements. Therefore, something
was wrong with the analysis and this state was incorrectly mistaken with some other state. This problem was further analyzed in the Class Manager case study in Section 7.2.3.

The Find frame analysis discovered events in all the buttons. The search button led to the "no contact found" Error frame. Since the empty field was not tested and a correct value was not entered the other two states were not discovered. A strange thing happens with the analysis of the show button. This is a button that was referred before as not containing any behavior whatsoever associated with. Crawljax however detects a new state when triggering this button.

A more thorough analysis of the state machine identified why this problem happens. At some point in the crawl, Crawljax is able to add more contacts to the contact list. When it tries to return to the Find frame (state2 in Crawljax state machine) it in fact reaches a different state (with more contacts in the list without noticing it. It is only when it tests the Show button that it analyzes the state and considers that a new state was found (state 19). State 19 corresponds to a state exactly the same as state2 the only difference being that now the contact list (which is in fact invisible) now has more elements. When Crawljax returned to the Find it should have discovered that it now was not state 2
but a different state since it was considering invisible elements. The same situation was what we identified previously in the Mainform frame and happens throughout the entire state machine.

Since we used the random values option which makes Crawljax fill all the input fields, the Edit frame analysis found that triggering the Ok button would generate a new state, which corresponds to the Mainform state with one more contact. Therefore, it did not find the error state in the Edit frame, since the fields were always all filled.

The Artemis tool has three different run modes. The default uses a feedback directed approach and generates execution traces of the application. The manual mode is used for manual testing and therefore will not be used for analysis. The concolic mode performs a concolic analysis of form validated code and generates a tree with the concolic results.

An analysis of the path traces Artemis generates shows a problem which is that the traces generated are triggering elements that are not visible on the page. Since there is no option to use predefined values in fields, the application is never able to pass the login frame. Nevertheless, most iterations are using these elements which are invisible on the page. This is very problematic since for example a run with 100 iterations only contained three iterations where the Ok button present in the login frame was triggered. Moreover, in none of those three iterations the Ok button from the error frame that appears afterwards was triggered. This means that if we ran all the 100 iterations we would only have found 2 states and only one of both transitions between them.

An excerpt of the generated Artemis tree from its concolic mode is depicted in Figure 7.16. In terms of the concolic analysis of this application Artemis failed to discern both branches in the only condition it found on the source code. That condition corresponds to a function, in the Mainform frame, that checks if a contact was selected on the list and enables the edit and remove buttons accordingly. One of the reasons the concolic solver failed might be that the tool is not able to reach a state where the contact list is displayed since it cannot solve the authentication. It is peculiar that all the other branches present in the source code were not discovered and analyzed.
7.2 Class Manager

Another example is the application of the framework to a classes management application, supporting the registration of students, and their grades, in different classes.

Like the previous example, all the possible actions in the application are performed without reloading the Web page. However, in this case instead of using the classic PHP and an SQL database, the entire application is built with only HTML and JavaScript, and the requests are done to a database that contains the students data. Therefore, except the database, all the application is on the client side.

Its interface (see Figure 7.17) consists of a main area with the list of students and grades (on a table). Above it sits a menu bar with the available actions (in this case, removing the selected students, opening the add students panel, or
opening the search panel), and, on the top left corner, a drop-down menu to select the class to display. Moreover, there is a button called Last Class which enables the user to quickly return to the last class used in the previous working session.

The application starts with an empty table. At that point, the only actions possible are to choose a class through the drop-down menu, or to go to the previous working class. The Search button is also enable by default, thus clicking it will open the search panel, but no results are retrieved since there are no students in the list. When a class is chosen, the students are listed in the table. In order to remove students from the class, we need to select the corresponding student checklist and then click on the Remove Selected button. Triggering the Add or Search buttons options changes the UI by adding a new area with a dialog for the user to enter the student data or the search terms.

Applying our tool on this application and considering the table’s content to be irrelevant to our state definition, the model we would expect to get is the state machine depicted in Figure 7.18. To remove the table information from the analysis we remove all the td and tr tags from the state comparison.
7.2. Class Manager

However, actually running the tool yields different results. Figure 7.19 depicts the state machine that is the result of running the framework on the application with a maximum number of 10 states as the threshold. This image is what our framework generates at runtime. It does not have all the events information, in fact we only present the text, the id or the XPATH, in this order of the first triggered element that originated the transition. For example, if the first clicked element has text content, than we show only that content. Nevertheless, all the information gathered in the analysis is present in the created SCXML file.

Moreover, this analysis was done removing the table tags from the comparison and ignoring the style attribute in all the tags. The reason we removed this attribute from the comparison was because different classes changed a few values in the styling attribute in order for the page to cope with the different list size, so that the panels when enabled are placed bellow the list. Since our goal was to consider different classes loaded in the application to be the same state we abstracted our analysis accordingly.

The framework starts by identifying the elements that have event handlers. In the initial state, only the Last Class and the Search buttons are enabled. We could also have triggered the drop-down list for class selection since it appears first on the DOM tree, but our prototype always handles the elements with event handlers we could identify first. The other elements that are going to be triggered are tested afterwards. We are using the default tags, as described in Section 6.4.1.
The problem is that the drop-down list event handler was added to the application through a level 2 DOM event, and thus the Visual Event tool cannot detect it. Nevertheless, this event handler is tested as described below, this shows the flexibility of our approach that tries to work with the maximum amount of information available, but still works with the information it can find. The Last Class button has a bug in its event handler that will be further explained in the end of this section. In this particular run the values tested made that clicking it will always return to the same state.

After clicking Search we have a new state which corresponds to the empty table with the search panel active. Obviously it does not make sense to have this state in the application since searching in an empty list will never retrieve results. From this state, clicking either the Search or the Cancel buttons removes the search panel, thus making the application return to state 1.

In state 1, since all the elements with event handlers were already tested the framework begins to handle the other possible clickable elements. In this particular case, the only element is the drop-down list. The framework chooses a random select option from the list, which will load the class data into the table, creating state 3.

Since we are excluding the elements from the list from the comparison the difference between state 3 and state 1 is that the Add button is now enabled, and clicking it will generate state 4. State 4 corresponds to the application with the add panel enabled. Since there are no control flow statements in the Add button, when we click the add no element is added and thus we return to
state 3. In case there were control flow statements, either testing the values in the fields or the result of adding the new student, the framework would have explored those statements generating values for the fields or performing instrumentation in the event handler.

The masterselector transition corresponds to the framework clicking on the first checkbox in the table, this selects all the other checkboxes, but otherwise the application remains the same. However, there is a difference, when elements are selected on the table the Remove Selected button becomes enabled therefore this will generate state 5. State 6 will correspond to the same situation but without the add frame enabled.

When the framework triggers the Search button in state 3 the application opens the search frame. Although the table now has elements since we are ignoring them this state is the same as state 2. Triggering search in this state with random values did not yield any results so we return to state 3.

State 7 shows a problem with the application, when we change class with the add frame enabled, we move to a state where the Add button is enabled and the add frame is also enabled, and in this situation triggering the Add button will disable the add frame. State 9 corresponds to selecting an element in State 7, which will enable the Remove Selected button. Also related to the bug in state 7, we now have two different behaviors when we click the Add in state 9, it can either go to state 5 or 6.

State 8 corresponds to the search panel enabled with an element selected and thus the Remove Selected button also enabled. State 10 corresponds to the same problem we found in state 7 but this time with the search frame. That is, we have the search panel enabled and the Search button also enabled.

### 7.2.2 Problems discovered

The state machine in Figure 7.19 enabled us to identify several problems in the application. The analysis describe therein was carried out by visual inspection of the models. However, since the models are state machines, automated analysis is also possible given appropriate tool support. For example, expressing the models in MAL interactors and using the IVY workbench (Campos and Harrison, 2009), or using graph analysis such as in (Thimbleby and Gow, 2008; Thimbleby, 2013). Visual inspection, albeit labor intensive, has the advantage
As discussed above, the problems found included having frames enabled with the access buttons that enable those frames also enabled, which make the application behave unexpectedly. Furthermore, state 2 with the empty table with just the search panel should not exist.

Moreover, running FREIA with other levels of abstraction also enabled us to discover other problems. For example, Figure 7.20 depicts the result of running FREIA ignoring all the text and attributes, that is, using the ONLYTAGS option described previously.

The main problems discovered in this run are related to State 6 which is an empty table with the add panel enabled. This happened because when we have the add panel enabled in state 4 we can change the class selected. In this run the framework selected the 0 index in the list, this made the framework discover state 6. From state 6, clicking add will return the application to state 1. Afterwards, we manually tested adding an element in state 6 to check if we could add elements to no class, but the result was the empty table. It is
important to notice that since we are only testing a random element from the list, in the previous run we had not discovered this state, because the 0 index was not tested. This happens because since the handler was not detected we are not performing the static analysis in its source code, which can cause the framework to miss a few states.

Other problem found was State 8 which corresponds to having both the add and the search panel enabled, also something that was not intended. This state is depicted in Figure 7.21. When we trigger the Search button, both Search and Add buttons become disabled. However, if a class is loaded using the drop-down list both buttons become enabled, thus triggering the Add button at this point will make both frames enabled at the same time.

Another problem with the application was related to the Last Class button. Clicking this button without any classes loaded instead of always going to the "Class Selected" state, might also leads us to the "No Class Selected" state. In order to understand what happens, an excerpt of the source code of the JavaScript function that is triggered when we click the Last Class button is presented on
During the analysis of the source code, it is inferred that `elementIndex` is a synthesized variable. Therefore, the code needs to be instrumented with values to cover both the if branch and the else branch. To cover the if branch the framework instruments the variable with a non-zero random value. To cover the else branch the value 0 (zero) is used.

In the if branch two situations might occur, depending on the random values our framework generates. If the value maps to an existing class (that is, a value inside the range of the `element.options` array), everything should work as expected. We could think of considering that the Ajax request to the server (`oAjax.makeRequest(...)`) might also have problems, if the value used is not valid on the server side. However, we see this as an issue with the implementation of the business logic layer, and assume that calls to the business logic will always return something.

A more relevant situation happens when the generated value points to a class that does not exist in the list (for instance, if we instrument the variable to a negative value). This will make the application behave unexpectedly. In this particular case, the user interface will remain in the same state, and we would have caught a JavaScript error with our framework.

In this case, the problem is that it is being assumed that the list of classes on the drop-down menu always corresponds to the classes that exists in the
application logic. In a distributed environment such as is the case of Web applications, it is easy to imagine situations where this assumptions would be broken. For example, because some other user is also accessing the system and removes one of the classes. In this case it would be advisable to test that a valid class is indeed returned by the application’s logic. Indeed, this also raises the issue of whether using the index in the drop down menu as the identifier of the last used class is a good approach. Using some sort of unique key would be more advisable (even if it represents extra implementation work).

What the above illustrates is that, using our tool to instrument source code, we are able to cause and detect misbehaviors on the application, which in this case correspond to problems in defining the conditional clauses appropriately.

7.2.3 Crawljax and Artemis comparison

The result of running Crawljax on the Class Manager application is the state machined depicted in Figure 7.23. Only the initial state and the state with the search panel enabled were discovered. This happened because Crawljax was unable to handle the drop down menu with the list of available classes and correctly load the classes. Although we can see in runtime Crawljax changing the values in the select list, it does not trigger it, and no class is loaded at any point. We tried to manually add the elements as inputs and to add the select option as a clickable button in the configuration but the result was always the same.

![Figure 7.23: Crawljax Class Manager state machine](image)
Artemis analysis in terms of traces is much better than the analysis of the contacts agenda application. While in the previous example, only two states were discovered, in this case an analysis of 100 iterations shows that Artemis is able to use the select option to change the class and is able to trigger the checkboxes in students list. There are still many traces with problems related to triggering elements that are not visible. Moreover, in this example we can also see traces that try to trigger disabled buttons, such as the Add button in the initial state.

In terms of the concolic analysis, a subset of the generated tree is depicted in Figure 7.24. In this example Artemis was able to solve both branches of the condition it analyzed. That condition was related to the event when a class is chosen in the select list. All other control structures present in the code were not analyzed. The reason this happens is because Artemis triggers on change events in the several input fields in the application but those fields are all hidden and thus produce no change in the application. The buttons which have events are not analyzed by Artemis, and thus their control structures are subsequently also not analyzed.
7.3 Neverending Playlist

Neverending playlist\(^1\) is a Web site that enables users to keep listening to songs for an infinite amount of time. The user can choose an artist or a genre, or click the "I'm feeling lucky" button for a random choice, and then a new page will appear playing usually a Youtube video with a song based on the previous criteria. Figure 7.25 depicts the initial page of the application.

![Neverending Playlist](image.png)

Figure 7.25: Neverending playlist

7.3.1 FREIA Analysis

Our framework's analysis of the initial page identifies one element with source code containing control structures. That element is the "I'm feeling lucky" button

\(^1\)http://neverendingplaylist.com/ (last accessed: February 1, 2014)
which has an event handler (function playrand) whose source is depicted in Figure 7.26.

```javascript
function playrand() {
    var nium = Math.floor((Math.random() * $('.sss li').length) + 1);
    window.randa = $('.sss li:nth-child(' + nium + ')').text();
    if (window.location.pathname == '/') {
        var topa2013 = ["Albert Hammond, Jr.",
                        // ...
                        "Menahan Street Band"];  // ...
        window.randa = topa2013[Math.floor((Math.random() *
                                       topa2013.length + 1))];
    }
    window.location = '/' + formaturl(window.randa);
}
```

Figure 7.26: playrand function source code excerpt

Although nothing wrong happens when instrumenting the source code to cover both entering or not the if statement, it is important to notice that our analysis would have discovered problems with something unexpected that is to have the window location of the browser with a completely random value.

The framework analysis of that function identifies the window.location.pathname name as a complex variable and test missing the if clause by instrumenting the variable to a random value. Clicking the instrumented button makes the application go to a page where a random video is displayed, this is state 2 (see Figure 7.25).

In state 2, the framework analysis is exactly the same. The only element with an event handler associated with a control flow structure is the "I'm feeling lucky" button. Therefore, it creates another random value and tests that button again. At this point, if our comparison of states was performed using the `ALL` attribute in the `comparisonMethod`, as defined in Section 6.5.1 we would create a new state. Obviously that since as the name implies this is a never ending playlist, with that abstraction the framework would enter a loop and be clicking that button would always retrieve new pages since they would have different videos.
This situation shows the importance of being able to increase the abstraction of our analysis according to the target applications. Specifically, this analysis was made using the \texttt{ONLYTAGS} attribute, which removes both different attributes and the element contents from the comparison. Thus, clicking the "I'm feeling lucky" button in state 2 will be a transition to the same state. State 2 will be different from state 1 since it does not have the video related tags.

Afterwards, the framework keeps testing all the other elements in the page. Here we consider elements by their XPATH because the same XPATH elements can have different contents. For example, below each video there is a list of the next 35 songs that are next on the list, and each element XPATH changes the contents as we move forward on the playlist.

![Are you human page](image)

Figure 7.27: Are you human page

When testing the different elements there is a chance we might end up in a page to discern if the application is being browsed by a human. These pages are usually used to prevent bots or automated programs to gather information from websites. Obviously these will also hinder the analysis of crawlers such as our framework. These is normally done by solving some sort of programs that generate and ascertain tests humans can solve but computer programs cannot, called CAPTCHAs (Ahn et al., 2003). Note however that this happens only when we are analyzing third party applications. If the framework is being used in support of development, this sort of situations should not be a problem. Nevertheless, in this particular case the page is just a page with a link, as depicted in Figure 7.27, this corresponds to state 3 in the state machine. Therefore, the framework just clicks the only link in the page and we return to a page with a
Another situation that happen sometimes is when triggering the event the instrumented "I'm feeling lucky" button the application opens a page warning "Invalid Artist Name", this was named state 4. All the triggered elements in this state returned to the same page except the "or go back home" button which return the application to state 1. The transition between state 2 and state 4 is probably a bug in the target application, since in that case clicking a artist element led to the "Invalid Artist Name". One possible reason is that that specific artist was at some point in the database an was later removed.

State 5 and state 6 are states similar to state 2, that is, they have the page and a video playing. The difference is that in state 5 there is no Facebook frame active. Indeed, when we trigger a random artist, or one of the suggestions in the page, sometimes the resulting page will have a Facebook frame for commenting the respective song while in other cases it will have no such frame.

State 6 exactly the same as state 2 except is has a script tag in the header. Although in this run the framework was only able to reach state 6 from a single element, since we have several outgoing edges from state 6 it means we were able to go back and test state 6. Moreover, analyzing the generated SCXML showed that triggering that element could also move the application to state 5. Therefore, we made an analysis in the log which showed that every time the framework tried to reach state 6 it was successful, despite sometimes ending in
7.3. Neverending Playlist

state 3 and need to redo the search for state 6. This discovery of state 6 as a
different state begs the question if we should remove the head tag and all its
contents from the states comparison, since it just contains meta data about the
page and does not affect the interface elements.

7.3.2 Crawljax and Artemis comparison

Crawljax analysis of the Neverending Playlist application generated the state
machine depicted in Figure 7.29. We ran the analysis without limiting the
number of states or clicks. Nevertheless, the analysis stopped after discover-
ing 9 states. All the states discovered except state 7 correspond to the initial
page. State 7 is page with a video loaded. Since all the other states seem equal
through visual analysis, we manually compared the extracted DOMs and con-
cluded that these states are different because there are some differences in the
attributes of the twitter and facebook widgets.

![Figure 7.29: Crawljax Neverending playlist state machine](image)

A comparison between this state machine and the state machine created by
FREIA shows that Crawljax analysis just discovered the equivalent to state 1
and state 2 in Figure 7.28 state machine.
Artemis analysis in terms of the path traces has some improvements comparison to the analysis performed in the previous examples. For once, now events different from clicks (mousedown events) and opening pages appear in the traces. For instance, mouseup events, keydown or keyup events with a random value are now being tested in the application. Although most of them do not change the application, the fact that input is now being filled in the forms makes the analysis better.

Another difference is that while in the previous examples in 100 iterations the maximum number of actions performed was 4 in a single iteration, in this example we have some traces with 14-15 actions.

The time of the analysis in this example also drastically increased. This happens because Artemis performs a full analysis of the source code and this example application uses jQuery while the others examples did not use any JavaScript library, therefore the amount of code this tool has to analyze is significantly different between these examples.

![Figure 7.30: Artemis Neverending Playlist concolic analysis tree](image)

Artemis concolic analysis of this application did not found any branch to test. Therefore, Figure 7.30 just presents a subset of the concolic tree generated bottom.
7.4 Summary

In this chapter we presented FREIA analysis over three different Web applications. Moreover, we compared our results with analysis from other two tools, Crawljax and Artemis. This comparison showed that our analysis has several differences in comparison with the other tools.

In comparison with Crawljax testing only visible elements and the ability to control the abstraction of our analysis makes our results more accurate. Moreover, when we analyze source code and generate input values based on that analysis and when we instrument the source code our analysis discovers some states Crawljax is not able to discover, it also enable us to add information to the transitions and solve ambiguity problems in the models.

In comparison with Artemis, in terms of the path traces, we are not currently generating path traces, although we have a tool that generates execution traces from SCXML for Web Applications (Rodrigues, 2015), its integration however is still work in progress. This will be further discussed in the future work (see Section 8.3). Nevertheless, if we generated path traces from our state machine, the traces would be more accurate, in terms that all actions would produce actual changes in the Application state. In contrast to Artemis path traces which contained a great number of traces triggering either invisible or disabled elements.

In terms of the concolic testing not only have we analyzed more branches in all the examples, Artemis concolic testing failed to solve a simple branch in the Contacts Agenda application. Moreover, we take almost the same time in the analysis of each page in all the examples, being the only difference a minimal increase when we have to instrument source because we have to wait for the code to be injected. On the contrary, Artemis execution time changed significantly between the last example and the other two because the last example used the jQuery library.
Chapter 8

Conclusions and Future Work

This thesis presented an approach to the reverse engineering of Internet applications. This document concludes with the answers to the research questions defined in Section 1.5. Afterwards the main contributions and a discussion of the work developed are presented. We conclude with indications for future work.

8.1 Answers to the Research Questions

In the initial chapters of this thesis, the main problems with existing approaches to the reverse engineering of Web applications were identified. This led to the definition of this dissertation’s thesis as:

A hybrid approach to the reverse engineering of Web applications enable us to obtain better models than existing approaches.

This thesis raises three questions:

• Question 1: What types of models are better suited for abstracting the Graphical User Interface of Web applications? This dissertation has compared a number of declarative GUI implementation languages with a declarative modelling language. Given that the implementation technology has moved towards declarative markup languages, we were interested in analyzing the viability of using the interfaces expressed in those languages as models of the UIs. The results showed that not all aspects of a user interface can be handled declaratively. Specifically, in terms of behavior, these languages supported very limited features. This question
was addressed in Chapter 3. In summary, the answer to the question is
that although existing declarative languages are constantly being updated
with new features and are a viable option to describe the UI structure,
they are still not mature enough to express the behavior of the UI, which
has to be done using state machines or petri nets.

- **Question 2:** *How to balance the usage of both dynamic and static analysis in the same approach?* This dissertation presented an approach for the reverse engineering of Web applications based on using dynamic analysis to explore an application, but also static analysis to guide that exploration. Our approach showed it is feasible to statically analyze only a subset of the source code (that is, the code in the event handler of the event being triggered) and still obtain enough relevant information to guide the analysis. Moreover, the depth of the analysis can be customized in terms of number of function calls to analyze. This question was addressed when we presented our approach to a new framework in Chapter 4.

- **Question 3:** *How much of the control logic of the User Interface (UI) can be obtained from the analysis of event listeners in Web applications?* This dissertation has presented an analysis of the most popular 1000 Web sites in terms of tags and the source code used. This provided an overview on the type of logic that was being used. Around 65% of sites used some sort of control flow structure, being that the mean was 80 statements per site. This question was discussed in Chapter 5.

Given these answers, it can be concluded that indeed an hybrid approach to the reverse engineering of Web applications enabled us to obtain better models than existing approaches. This was illustrated in Chapter 7.

### 8.2 Summary of Contributions

The major contribution of this work was presenting an hybrid approach for the reverse engineering of Web applications and the development of FREIA, a framework that validates that approach. The framework explores a Web application and extracts information about the UI layer. This includes the different
Future work

states an application can have from the users' point of view, according to several different types of abstractions and what elements were triggered to reach those states. Furthermore, it is able to discern why the same elements can lead to different states, thus creating state machines with information about the conditions that control the behavior of the user interface.

FREIA was built following two major guidelines. On one hand, that it is an incremental work, that is, that we should be able to keep adding more techniques and more features to its analysis. For instance, two major aspects are the ability to keep adding new ways of detecting events and input elements, and the feature of adding widgets with different behavior, for instance, select menus as depicted in the example in Section 7.2 are processed differently than buttons. On the other hand that it is able to retrieve information on as much Web applications as possible. That is, if certain elements are missing, or if a page state suddenly changes, or if we are not able to detect events, the framework will use the other components that are working and still extract information.

Additional contributions include:

- a review of the state of the art in Reverse Engineering GUIs.
- a comparative analysis of several UI modelling languages.
- a study characterizing the control logic present in the event handlers of the most popular Web sites.

This work originated the following scientific publications: (Silva and Campos, 2012), (Silva and Campos, 2013), and (Silva and Campos, 2014).

8.3 Future work

Throughout this dissertation a number of research problems were discovered. This section presents some guidelines for future work.

Concerning the research about User Interface models described in Chapter 3 future work includes implementing the idea of embedding a modelling language in a implementation language, in order to increase the level of abstraction of the models.
Regarding the study performed on characterizing the control logic of the Web applications discussed in Chapter 5, there were a few shortcomings in our analysis that could be improved such as extending the element variables identification to other frameworks or techniques, this could mean an analysis of the entire JavaScript files similar to the one we are doing to identify event delegation approaches. Furthermore, trying to find correlations between the several criteria could also yield interesting results.

FREIA's future work follows two major directions. One is to keep adding new features to FREIA, and to generate new types of analysis. The other is to focus on integrating FREIA with other tools to make a better use of the information gathered.

New features for FREIA are for instance to add a second mode of operation to the cases where we have access to the target application source code. This would enable us to make use of the profiling component to detect the code being executed and then be able to safely change the correct control flow structures without the need of adding new functions with the instrumented code. Other feature is to deploy the tool, either to a Website, or as an Eclipse or Firefox plugin, so that it could easily be used by other people. This would enable the approach to be validated externally.

In terms of FREIA’s integration with other tools, since it is currently generating state machines in SCXML as well as a DOM representation for each state and its corresponding screenshot, is feasible to use other analysis tools to reason about the application. For example, Rodrigues (2015) presents a tool that automatically generates test cases from models. In this case, SCXML is also being used to represent the state machines. We can easily translate our models to those models, and thus support the generation of test cases directly from the implementation of the user interface. This will be useful, for example, to support regression tests when systems are updated. Another option would be to integrate FREIA with formal verification tools, such as IVY (Campos and Harrison, 2009). In this case it would become possible to support the formal verification of the user interface, while freeing developers from the need to write the formal models, thus lowering the adoption barrier of such techniques.
Bibliography


Orit Shaer, Robert J K Jacob, Mark Green, and Kris Luyten, editors. ACM Transactions on Computer-Human Interaction Special issue on UIDL for next-generation user interfaces, volume 16(4), New York, NY, USA, November 2009. ACM.


